Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 11.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 724 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

PARIS 2024 CICLISTAS IÚRI LEITÃO E RUI OLIVEIRA GARANTEM PRIMEIRA MEDALHA DE OURO PARA PORTUGAL NESTES JOGOS

PÁGS. 3-5

THOMAS SAMSON / AFP

JUSTIÇA SUPREMO REVOGA DECISÃO COM 12 ANOS E "TIRA" 40 MIL EUROS A INDEMNIZAÇÃO

Em 2012, o tribunal condenou a SIC a pagar 115 758 euros por ofensa à honra ao socialista açoriano Ricardo Rodrigues. A estação pagou, mas recorreu para o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, que considerou a quantia excessiva. Agora, o Supremo revogou o anterior acórdão, cortando a indemnização em 35% e criando um imbróglio jurídico: o que sucederá a seguir? 12 anos depois, o político terá de devolver dinheiro à SIC? PÁGS. 9-11

No limite
Trabalhadores da AIMA anunciam greve de agosto a dezembro PÁG. 8

Gaza
93 mortos num ataque a escola, que Israel diz que escondia base do Hamas PÁG. 16

A POLÍTICA VAI DE FÉRIAS Algarve e litoral alentejano são os destinos preferidos PÁG. 6



PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

PETER FRANKOPAN

HISTORIADOR

"Das sete grandes mudanças de regime imperial na China, todas ocorreram num contexto de mudança climática" PÁGS. 22-25

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

RICARDO SOUSA

CEO DA CENTURY 21 PORTUGAL

"É no 'hoje' que construímos o futuro!" PÁG. 14

PROVA DE VIDA

Francisco Rodrigues dos Santos, a quem chamaram "Chicão"

PÁGS. 26-28







Até ver...

Carlos Ferro
Editor Executivo do Diário de Notícias

A dupla que pôs os portugueses a vibrar com o "outro ciclismo"

É impossível alguém ficar indiferente às expressões de alegria de Rui Oliveira e de Iúri Leitão no pódio da prova de *madison* dos Jogos Olímpicos.

A dupla portuguesa tinha ganho há poucos minutos uma surpreendente – para quem não segue o ciclismo de pista e o percurso dos atletas nacionais nesta especialidade – medalha de ouro e garantido um lugar na história do desporto nacional ao tornarem-se os primeiros atletas portugueses fora do atletismo a conquistar um ouro olímpico. A este feito Iúri Leitão juntou outro: é o primeiro desportista nacional a obter dois pódios na mesma edição dos Jogos.

A equipa juntou-se ontem a Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Nelson Évora e Pedro Pichardo como ocupantes do lugar mais alto do pódio e agora não vão faltar elogios, cumprimentos e, provavelmente, até grandes especialistas em ciclismo de pista que já anteviam esta glória.

Passadas as frases elogiosas que muitos se apressaram a dizer, é bom colocarmos os pés no chão e lembrar que o que se passou ontem na pista do Velódromo Saint-Quentin-en-Yvelines não aconteceu por acaso. A vitória de Rui Oliveira e Iúri Leitão e o segundo lugar deste na quinta-feira (dia 8) no *omnium* são o resultado de muito trabalho dos ciclistas e de quem ao longo dos anos tem defendido o ciclismo, uma modalidade sempre muito atacada.

Este dia 10 de agosto ficará na memória de todos os que assistiram às táticas na pista, mas o que mais emocionou foi a alegria dos atletas, o sorriso de "orelha a orelha", o choro durante o hino, a emoção de Iúri, que teve de ser tranquilizado pelo companheiro de equipa. E até festejaram os dois com um "Siiiuuu", mundialmente divulgado por Cristiano Ronaldo.

"Muita luta, muito sacrifício. Procurámos durante tantos anos por uma coisa assim. E agora estamos na história do desporto", disseram quando se acalmaram. Enfim, um pouco, que as emoções estiveram mesmo muito ao rubro.

A 32.ª medalha de Portugal nos Jogos Olímpicos surgiu, assim, de surpresa para muitos – como curiosidade, recordemos que a sexta medalha de ouro foi conquistada 40 anos depois de Carlos Lopes ter vencido a maratona em Los Angeles –, mas é justo lembrar que muita gente tem trabalhado ao longo dos anos para que tal acontecesse um dia.

Se quiserem um momento importante desse trabalho, se calhar podemos recuar a 2009, quando foi inaugurado o Anadia Cycling Centre, o centro de alto rendimento onde o ciclismo de pista tem todas as condições para evoluir. E depois a qualidade dos ciclistas nacionais, muitos deles, como Iúri e Oliveira, que fazem parte de equipas estrangeiras, como a Caja Rural Seguros RGA e a UAE (provavelmente a mais forte equipa do mundo na modalidade e que conta com mais três portugueses: Ivo Oliveira, João Morgado e João Almeida).

O triunfo de Iúri Leitão e Rui Oliveira tem outro marco: o ciclismo passa a ser, a par do atletismo, a única modalidade com ouro olímpico.

Por tudo o que está escrito atrás, a glória desta dupla é mais do que merecida, mas permitam-me deixar um pedido/recado: não se esqueçam de atletas como Fernando Pimenta, que ontem foi menos feliz, mas que tantas medalhas e títulos já conquistou para Portugal. E, a par dele, de todos os outros que defendem mundialmente o nome do país e da modalidade que praticam.

Nestes Jogos, o atletismo, o judo e o ciclismo conquistaram medalhas, mas muitos atletas obtiveram diplomas olímpicos (ficaram até ao oitavo lugar).

E todos cumpriram uma intensa preparação durante quatro anos para estarem em Paris. E, a partir de agora, com o objetivo de marcarem presença em Los Angeles em 2028.

OS NÚMEROS DO DIA

584

DETIDOS DURANTE A CONDUÇÃO
A GNR anunciou ontem este número de detenções, a maioria por condução sob efeito do álcool, apreendeu 40 armas de fogo e várias doses de droga e detetou mais de sete mil infrações no trânsito durante a última semana.

10

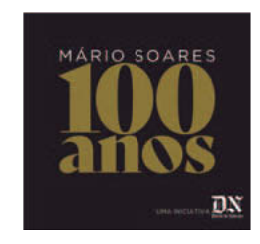
DIAS RAPTADO
A polícia sul-africana resgatou com vida um empresário português, de 69 anos, raptado há 10 dias no Soweto, sudoeste da cidade de Joanesburgo, disse ontem à Lusa fonte do comando nacional da força de segurança.

93

MORTOS EM ATAQUE
à escola Al Tabaín, na cidade de Gaza, segundo o grupo Hamas, realizado por Israel. Ação foi ontem condenada por vários países e organizações, incluindo UE e Reino Unido.

2

MIL BALÕES
com lixo e excrementos foram lançados nas últimas semanas da Coreia do Norte para a Coreia do Sul, tendo aumentado uma bizarra campanha de guerra psicológica no meio das crescentes tensões entre os dois rivais.

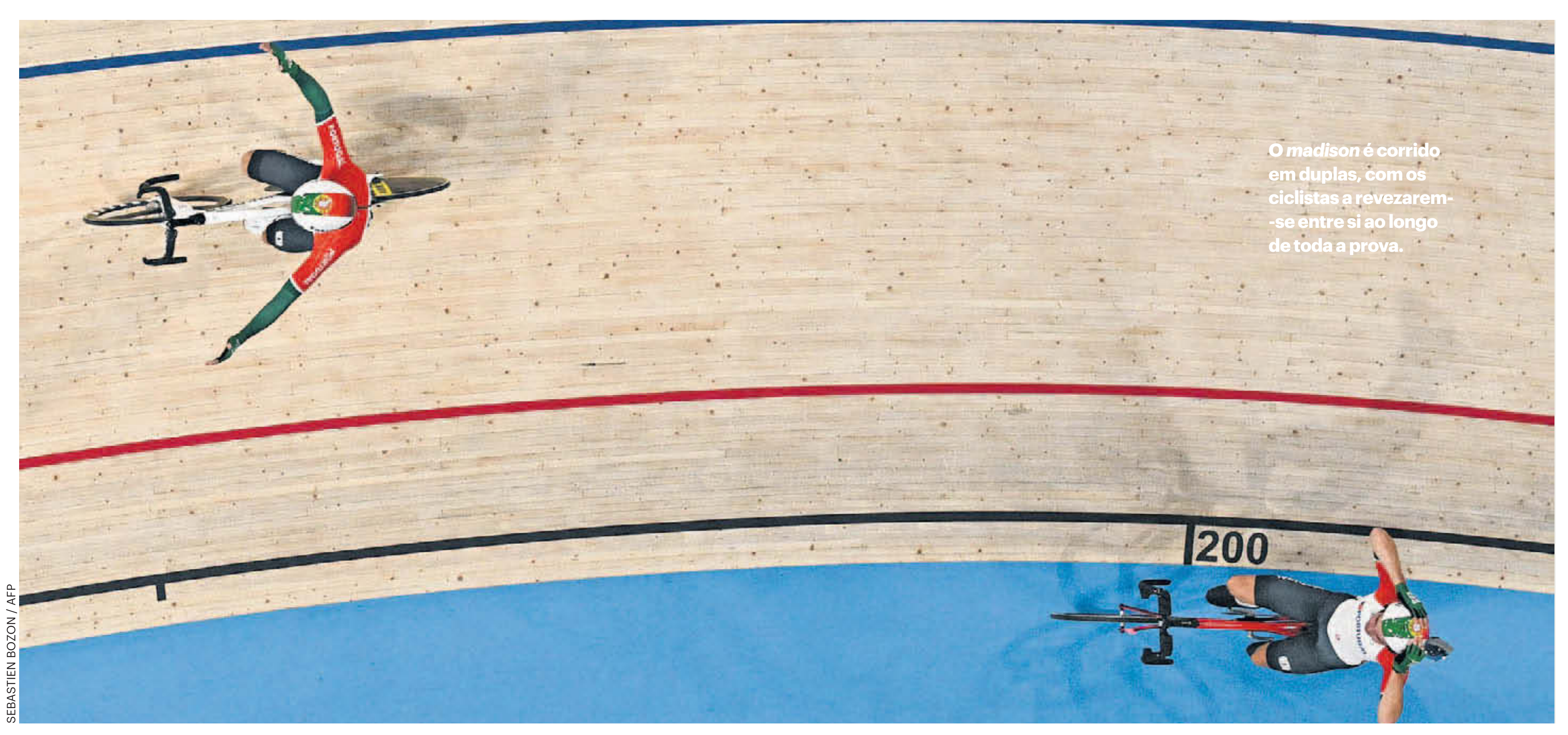




11.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.





O *madison* é corrido em duplas, com os ciclistas a revezarem-se entre si ao longo de toda a prova.

SEBASTIEN BOZON / AFP



THOMAS SAMSON / AFP

Iúri Leitão (esq.) e Rui Oliveira (dir.) no final da prova de *madison* que lhes valeu o ouro olímpico.

HISTÓRICO
Iúri Leitão e Rui Oliveira de ouro destronam atletismo no topo do desporto português

PARIS 2024 O atletismo já não está sozinho no topo do olimpismo nacional. Agora tem a companhia do ciclismo, que venceu o primeiro ouro olímpico no *madison*.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Sem saber se estava "a sonhar ou acordado", Rui Oliveira confessava não ter palavras e nem queria acreditar no que conquistara: um ouro olímpico, e logo na sua estreia em Jogos. Ao seu lado, Iúri Leitão admitia estar "incrédulo", ainda a "digerir a medalha de quinta-feira" (prata, conquistada no *omnium* masculino). O arranque, assumiu, não correu bem, estava "com as pernas muito más" e "não estava num bom dia". Apesar das adversidades, juntos conquistaram no *madison* o primeiro ouro português desta edição dos Jogos Olímpicos. O triunfo dos dois ciclistas tornou-se, assim, histórico: o ciclismo de pista português é a segunda modalidade a vencer uma medalha de ouro olímpica. Todas as anteriores tinham sido conquistadas no atletismo.

O trunfo para a vitória foi só um: taticismo. Correndo contra adversários já conhecidos, o objetivo da dupla portuguesa foi "guardar ao máximo, porque a prova ia ser muito fatigante". "A paciência costuma ser um dos nossos pontos fortes e acabámos por surpreendê-los no final. Tínhamos isto programado e conseguimos", confessou Iúri Leitão. Com este triunfo, o ciclista, de 26 anos, tornou-se no primeiro atleta português a vencer duas medalhas numa mesma edição de Jogos Olímpicos.

O próprio Rui Oliveira assumiu,

55

pontos Para se sagrarem campeões olímpicos de *madison*, Iúri Leitão e Rui Oliveira superiorizaram-se por larga margem à concorrência. Juntos, os ciclistas somaram 55 pontos (entre *sprints* e voltas de avanço). Itália, que ficou em segundo, conquistou 47 pontos, com a Dinamarca em terceiro, a somar 41.

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

depois da prova, que "à partida" a dupla estava "no *top* 7 de favoritos. É a verdade".

Caracterizada pelo revezar dos ciclistas ao longo de toda a corrida, o *madison* é feito em equipa, que trocam entre si. Para isso tocam na mão um do outro. É, como explicou Iúri Leitão, "uma prova de companheirismo". As duas metades "têm de se completar. Temos de ser muito altruístas, de pensar antes no nosso colega do que em nós. Quanto menos descansarmos, menos o nosso colega está na pista a cansar-se. É uma prova de companheirismo, de irmandade. O tocar de mãos é um simbolismo, é um elo que nos une, de passar toda a nossa força para o colega estar nas melhores condições para se bater com os outros países", explicou o ciclista.

Juntos, Iúri Leitão e Rui Oliveira já tinham conquistado o bronze nos Europeus prova, em 2021.

Primeiro-ministro assume aposta política reforçada

O triunfo dos dois ciclistas, ontem, foi testemunhado *in loco* pelo primeiro-ministro, Luís Montenegro, que esteve a acompanhar a prova no velódromo de Saint-Quentin-en-Yvelines. No final, o chefe de governo desceu até à pista, onde trocou breves palavras com os medalhados. No exterior do velódromo, Luís Montenegro disse ter sido uma experiência "emocionante", onde berrou, puxou e depois, saltou. "Fizeram uma corrida inteligente e excecional", elogiou o governante. E o que disse aos dois ciclistas? "Disse que tínhamos um grande orgulho no trabalho que tinha sido feito. Desci para junto deles como sinal de grande respeito, de consideração e também para transmitir um abraço do povo português que estava em casa vibrante." Este triunfo, assumiu em declarações à RTP, mostra a "necessidade de encarar a aposta política portuguesa com, por um lado, dar mais qualidade de vida aos portugueses em questões de saúde física e mental e, por outro lado, detetar também os talentos que possam ser trabalhados para chegar a este nível, que é um nível absolutamente extraordinário".

Em comunicado, o Presidente da República disse ter um "enorme orgulho" nos dois atletas. "Os campeões olímpicos venceram uma prova de extrema qualidade, cuja emoção deixou todos os portugueses sem fôlego", classificou.

***Flying piggy* e o colega de João Almeida**

Batizado de *flying piggy* ("porquinho voador) pelos companheiros do ciclismo nacional, Iúri Leitão é descrito por quem com ele lida como "uma pessoa autêntica", que, por vezes, é chamado "fósforo", diz o ciclista João Matias sobre o corredor da Caja Rural. A alcunha, explica, deve-se ao facto de só precisar "de um pequeno estímulo para deitar logo fogo".

Rui Oliveira, por sua vez, compete ao lado de João Almeida na UAE Emirates. E é também um dos pioneiros do ciclismo de pista nacional. Ao lado do irmão gémeo, Ivo, conquistou vários títulos internacionais na modalidade (o primeiro remonta a 2013, quando Rui se tornou vice-campeão europeu júnior de *scratch*). Ontem confirmou todo o potencial e, depois de "mais de 10 anos a tentar", colocou o ciclismo de pista no topo do desporto – e do olimpismo – português.

TOP 10 MEDALHEIRO

País	Total	Ouro	Prata	Bronze
1.º China	89	38	27	24
2.º Estados Unidos	121	37	42	42
3.º Austrália	50	18	18	14
4.º Japão	43	18	12	13
5.º França	61	16	23	22
6.º Grã-Bretanha	63	14	22	27
7.º Coreia do Sul	30	13	8	9
8.º Países Baixos	32	13	7	12
9.º Alemanha	30	12	10	8
10.º Itália	39	11	13	15
47.º PORTUGAL	4	1	2	1

PORTUGUESES HOJE EM AÇÃO

7.00 – Susana Santos (Atletismo, maratona feminina)
10.00 – Maria Martins (Ciclismo de Pista, omnium feminino)



"Faltaram forças e energia" a Pimenta para se tornar no melhor português de sempre

CANOAGEM O atleta de Ponte de Lima ficou em sexto lugar na final de K1 100 metros e não escondeu a desilusão: "O resultado não é o espelho do meu trabalho"

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Faltaram as forças a Fernando Pimenta para se tornar o atleta português com mais medalhas na história dos Jogos Olímpicos. O feito parecia estar tão próximo, mas o canoísta português deixou fugir o sonho nos últimos metros da final de K1 1000 metros, que se realizou ao final da manhã de ontem no estádio náutico de Vaires-sur-Marne.

O sexto lugar na final, ganha pelo checo Josef Dostal, parecia irreal e o canoísta, nascido há 34 anos em Ponte de Lima, estava incrédulo no fim da prova. "Trabalhei mesmo muito, fiz provavelmente uma das minhas melhores épocas, mas foi tal como aconteceu no Rio de Janeiro. Acho que quanto mais me esforço mais depressa o resultado desaparece", lamentou pouco depois, frustrado pelo que aconteceu, apesar de garantir que deu "o melhor", razão pela qual disse não poder estar desiludido ou triste com ele próprio. "Infelizmente, o resultado não é o espelho do meu trabalho", vincou, acrescentando que se sentia "muito bem, muito tranquilo, confortável e a controlar a prova". Na prática, seguiu o plano estabelecido com o treinador, tentando "lançar o caiaque, pressionar à frente". Só que "na parte final faltaram as forças e a energia".

Depois de ter conquistado a prata em Londres 2012 em K2 1000 metros, ao lado de Emanuel Silva, e da medalha de bronze em Tóquio 2020 na prova de K1 1000, agora o canoísta do Benfica repetiu a desilusão que sentiu nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016. Mas no momento da desilusão deixou uma palavra à família, de quem passou "muitíssimo tempo longe", mas também aos portugueses, pelo apoio que lhe deram: "Acho que reconhecem todo o esforço que tenho vindo a fazer, o legado que tenho vindo a conquistar."

Na hora do insucesso, Fernando Pimenta sabe, afinal, que se mantém como um dos melhores atletas portugueses em Jogos Olímpicos, afinal, além dele, apenas mais cinco portugueses podem orgulhar-se de ter conquistado duas medalhas olímpicas. São eles Carlos Lopes, Fernanda Ribeiro, Rosa Mota, Luís Mena e Silva e, desde sexta-feira, Pedro Pablo Pichardo.

Teresa Portela foi décima

Pouca sorte teve também a canoísta Teresa Portela, que começou o dia de ontem a falhar o acesso à final por... 41 centésimos de segundo e com um tempo (1.50,28 minutos) que lhe teria garantido a luta pelas medalhas em qualquer das outras duas semifinais. A canoís-





HUGO DELGADO/LUSA

Pichardo recebe a prata e elogia o ouro do ciclismo

Quase 24 horas depois de ter saltado para a prata, com uma marca de 17,84, a dois centímetros do espanhol Jordan Díaz, Pedro Pichardo, voltou ontem ao Stade de France para receber a sua segunda medalha olímpica, após o ouro de Tóquio2020. Na altura ainda decorria ainda a prova de madison de Iúri Leitão e Rui Oliveira, cujo final o atleta português de 31 anos assistiu no telemóvel da assessora do Comité Olímpico de Portugal. Aos jornalistas elogiou o ouro do ciclismo, lembrando que "era a medalha que faltava" à missão portuguesa. "Acho que é muito bom para o país, também é bom para o desporto português. Temos outras modalidades que não só o futebol a ter resultados. Acho que é muito bom para todos os portugueses", disse.



HUGO DELGADO/LUSA

A desilusão de Fernando Pimenta após cortar a meta em sexto lugar na final de K1 1000 metros.

ta portuguesa teve de se contentar com a final B (atribuição do 9.º ao 18.º lugares), tendo cortado a meta em segundo lugar, atrás da sérvia Milica Novakovic, garantindo assim a 10.ª posição na classificação geral de K1 500 metros femininos.

Apesar de alguma frustração pelo que se passou na meia-final, Teresa Portela disse ter ficado satisfeita. "Sabia que o meu melhor seria estar na final e continuo a achar que podia ter passado, mas este é um nível bastante alto", admitindo ter ficado "muito orgulhosa" por ter disputado a final B nos seus quintos Jogos Olímpicos, nos quais disse ter estado na sua "melhor forma".

Samuel Barata "conservador"

Finalmente, Samuel Barata não conseguiu melhor que o 48.º lugar na maratona com o tempo de 2:13.23 horas, a sua melhor marca da temporada, que não lhe permitiu ficar mais perto do vencedor, o etíope Tamirat Tola, que cortou a meta com 2:06.26 horas.

Na estreia nos Jogos, o maratonista português admitiu ter feito "uma prova equilibrada" e "um bocado conservadora". É que, embora a marca seja "boa", o nível "estava súper", pelo que "tinha que correr mais rápido", razão pela qual "a classificação não foi nada especial", pois tinha como objetivo "ficar no *top* 40 ou 30". "Devia ter arriscado", admitiu o atleta, de 31 anos, que diz ter de "trabalhar mais".

carlos.nogueira@dn.pt

Lisa Carrington faz história na canoagem e fica a um ouro do trono olímpico

PROEZA A neozelandesa conquistou três títulos olímpicos e totaliza oito medalhas de ouro. Está a uma das recordistas Latynina e Ledecky.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Lisa Carrington, de 35 nos, fez ontem história na canoagem ao alcançar a sua oitava medalha de ouro olímpica, a terceira em Paris 2024, depois de vencer a prova de K1 500 metros. A canoísta da Nova Zelândia igualou a alemã Birgit Fischer como a mais titulada de sempre nesta modalidade, tendo assinalado este feito com um recorde olímpico.

Após garantir o título de campeã olímpico em K1, K2 e K4 500 metros, repetindo o feito de Tóquio 2020, Lisa Carrington entrou definitivamente na lista de melhores atletas de sempre em Olimpíadas. É que, se passou a dividir o trono da canoagem com Brigit Fischer – conquistou ouros em Moscovo 1980, Seul 1988, Barcelona 1992, Atlanta 1996, Sydney 2000 e Atenas 2004 –, ficou a apenas um título olímpico da ginasta Larissa Latynina (Melbourne 1956, Roma 1960 e Tóquio 1964) e da nadadora norte-americana Katie Ledecky, que em Paris 2024 igualou os nove ouros da soviética, depois de ter juntado as duas medalhas de ouro em Paris 2024 às duas em Tóquio 2020, quatro no Rio 2016 e uma em Londres 2012.

Lisa Carrington foi, assim, decisiva para que, de forma inédita, desse a vitória no medalheiro de canoagem à Nova Zelândia, à frente de Alemanha, China e República Checa, todas com dois títulos, e o Canadá, com um. A Hungria, considerada a maior potência desta modalidade, não teve, desta vez, nenhum campeão olímpico, embora contabilize sete medalhas: quatro de prata e três de bronze.



EPA/ALI HAIDER

Lisa Carrington (ao centro) torna-se numa lenda dos Jogos Olímpicos.



HUGO DELGADO/LUSA

EUA vencem Brasil no futeol feminino

A seleção de futebol feminino dos EUA conquistou ontem o quinto ouro olímpico, derrotando o Brasil na final no Parque dos Príncipes por 1-0. O golo solitário de Mallory Swanson, aos 57 minutos, ditou a derrota das brasileiras, que somaram a terceira prata. O jogo marca o fim da carreira internacional da veterana brasileira Marta.

A política vai de férias. Algarve e litoral alentejano são os destinos preferidos

DESCANSO Antes das *rentrées* que marcarão as próximas semanas, os líderes partidários e as figuras de Estado tiram alguns dias para recarregar energias. Além dos destinos mais turísticos, há quem prefira o interior ou o regresso às origens.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Depois da ida aos Jogos Olímpicos, onde assistiu à conquista das medalhas de Pedro Pichardo e de Iúri Leitão e Rui Oliveira (*ler mais nas páginas 3-5*), seguem-se as férias de Luís Montenegro. O primeiro-ministro irá tirar uns dias para descansar já a partir de amanhã. O regresso está marcado para dia 27 deste mês – no entanto, o destino de férias do governante não foi divulgado.

Durante esse período, será Paulo Rangel, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, quem assumirá as funções de primeiro-ministro em exercício. Esta é uma prática comum nesta altura do ano, quando as segundas figuras na hierarquia do Executivo substituem o chefe de governo durante alguns dias (Mariana Vieira da Silva, por exemplo, substituiu António Costa em várias ocasiões). E em 2005, aquando da época de incêndios, José Sócrates estava de férias no Quénia com os filhos. Quem esteve como primeiro-ministro em exercício? O próprio António Costa, à altura ministro da Administração Interna.

Historicamente, há até alguns destinos vistos como habituais para alguns ex-primeiros-ministros. A Praia do Vau, no Algarve, era o destino de eleição de Mário Soares, por exemplo, com a Manta Rota a ser escolhida por Pedro Passos Coelho.

Este ano, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, entrou de férias ontem e estará durante alguns dias em Monte Gordo, no Algarve. A vila do concelho de Vila Real de Santo António é escolhida pelo chefe de Estado há algum tempo e já ali esteve em diferentes ocasiões. Em 2020, em plena pandemia de covid-19, Marcelo visitou a vila, que considerou ter uma "grande praia", que frequentava já há alguns anos.



O Presidente da República passará férias em Monte Gordo, destino habitual nesta altura do ano.

ARQUIVO DN

José Pedro Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República e segunda figura do Estado, vai rumar também a Sul. No entanto, à Lusa não revelou qual a localidade em concreto, preferindo divulgar três obras escolhidas para ler: *Submissão*, de Michel Houellebecq, *Os Próximos 100 Anos*, de George Friedman, e *Trilogia*, de Jon Fosse, Prémio Nobel da Literatura em 2023.

Pedro Nuno Santos e André Ventura também rumam a Sul

E até à altura das *rentrées* (que começam já no próximo dia 14, com a Festa do Pontal) todos os líderes partidários tiram alguns dias para descansar.

> Durante as férias do primeiro-ministro, Paulo Rangel, ministro dos Negócios Estrangeiros, assumirá os destinos do país.

O Algarve foi também escolhido pelos líderes de PS e Chega. Se Pedro Nuno Santos, secretário-geral socialista, já esteve de férias na região na semana passada, André Ventura está por estes dias no Sul do país. Em ambos os casos, nenhum dos responsáveis quis adiantar as localidades escolhidas para o descanso dos trabalhos políticos.

Já Rui Rocha, líder da Iniciativa Liberal, preferiu passar uns dias em Braga, cidade onde cresceu. Longe do bulício turístico estarão também Mariana Mortágua e Rui Tavares, líderes do Bloco de Esquerda e do Livre, respetivamente. A coordenadora bloquista irá, como de costume, até Alvito, a aldeia alentejana onde a sua família reside. Já o deputado (e um dos porta-vozes) do Livre rumará à aldeia ribatejana de Arrifana. Aí, confessou à Lusa, irá passar o tempo a ler manuais de gramática básica de grego e latim, duas línguas que sempre quis aprender.

Ainda à esquerda, Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, passará férias no litoral alentejano.

O ministro da Defesa e líder do CDS-PP confessou que "o ritmo da governação" e as questões do setor não permitem férias "no sentido clássico do termo". Mas o governante assumiu que vai tirar "alguns dias" e aí irá até Moledo, no Minho (região de onde Nuno Melo é natural), onde passa férias desde a infância.

Por fim, a líder do PAN, Inês Sousa Real, passará também alguns dias na Costa Vicentina.



Filas são constantes nas lojas da AIMA.

REINALDO RODRIGUES

Trabalhadores da AIMA anunciam greve de agosto a dezembro

NO LIMITE A paralisação será ao trabalho suplementar e horas extraordinárias, de 22 de agosto a 31 de dezembro deste ano. Funcionários reivindicam mais profissionais e meios.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Com uma lista de 25 reivindicações, os trabalhadores da Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA) vão fazer greve de 22 de agosto até 31 de dezembro deste ano. O pré-aviso foi entregue nesta semana ao governo, de acordo com um documento a que o DN teve acesso.

A paralisação é direcionada a todo o trabalho suplementar nos dias de descanso semanal obrigatório ou complementar e em feriados, além das horas extraordinárias. Alguns funcionários já passaram das 150 horas extra "sem que estas sejam pagas" no prazo devido. O DN sabe que, nos últimos meses, todos os profissionais estão a cumprir o número máximo de horas extraordinárias e aos finais de semana para responder ao grande volume de trabalho que existe na AIMA.

A greve foi convocada pela Federação Nacional dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais e vai abranger todos os trabalhadores da federação, independentemente do vínculo contratual. O órgão esteve reunido com representantes do Executivo a 1 de agosto, tendo aí sido apresentadas as principais reivindicações dos funcionários. De acordo com o sindicato, o encontro teve a participação de um "chefe do gabinete do secretário de Estado e um assessor para os assuntos da AIMA". O sindicato lamentou que o secretário de Estado não tenha participado da reunião. "É quem tem competência política para a decisão", destaca no documento.

As três principais exigências dos trabalhadores é a regularização dos pagamentos do trabalho extraordinário e das progressões, a dotação do mapa de pessoal com o número de postos de trabalho em todas as carreiras e categorias para dar cumprimento à prossecução dos seus objetivos e, por fim, ao cumprimento do horário de trabalho e dos seus limites máximos legais.

Segundo o documento ao qual o DN teve acesso, a situação na AIMA é "inaceitável" e os funcionários estão a ver afetados "os direitos e a saúde". Entre as preocupações está a falta de trabalhadores e o *burnout* "devido ao excessivo número de horas de trabalho suplementar e à míngua de trabalhadores existentes em todos os setores".

> Segundo o documento ao qual o DN teve acesso, a situação na AIMA é "inaceitável" e os funcionários estão a ver afetados "os direitos e a saúde", com trabalhadores em situação de *burnout*.

Também há críticas à direção da AIMA e falta de comunicação com as equipas, que "são informadas pela comunicação social" das alterações no órgão. Outra situação denunciada, já de conhecimento público e admitida pela própria AIMA, é o uso de sistemas informáticos obsoletos, "factos que geram confusão e insegurança no desenvolvimento do trabalho da AIMA e que se reflete nos utentes". A federação ainda alerta para a falta de organização nos balcões de atendimento ao público.

Outra preocupação manifestada é com a recém-anunciada estrutura de missão para colocar em dia os processos na agência. "Estamos a assistir a um recrutamento sem regras, os trabalhadores não estão a ser informados com clareza dos efeitos negativos da sua decisão", alertam. A representação sindical defende que a equipa deve ser formada unicamente por trabalhadores com vínculo público, "para ser garantida a proteção de dados".

É também exigido que os mediadores culturais, que trabalham por intermédio das associações de imigrantes, sejam integrados ao quadro da AIMA, para o "fim abusivo e ilegal do estatuto destes trabalhadores". É denunciado que "na maioria dos casos" atuam em funções técnicas que "não se enquadram no seu perfil profissional".

A lista de 25 "necessidades/constrangimentos" passa por todas as áreas da agência, como a ausência de regulamento interno e de comunicação entre direção e funcionários, o não pagamento de horas extraordinárias aos mediadores culturais e falta de meios para se deslocarem. É cobrada também a criação de mais canais de comunicação entre a AIMA e os utentes, de modo a "aliviar a pressão sobre o único canal de comunicação disponível". Neste momento há apenas dois números de telefone disponíveis, sendo recorrentes as reclamações de pessoas que ligam milhares de vezes por dia e não conseguem ser atendidas. Um centro de contacto foi anunciado para o primeiro semestre, mas não se concretizou.

De acordo com o sindicato, o governo afirmou na reunião já realizada que "estão a trabalhar para resolver os problemas, mas não podem resolver tudo de uma vez". Uma nova reunião deverá ser realizada em setembro. A federação entende que a situação hoje "resulta de um conjunto de políticas erradas de vários governos" e que a solução precisa ser política e "urgente". O DN contactou o governo para obter um comentário mas não obteve resposta.

Supremo revoga decisão com 12 anos e "tira" 40 mil euros a indemnização

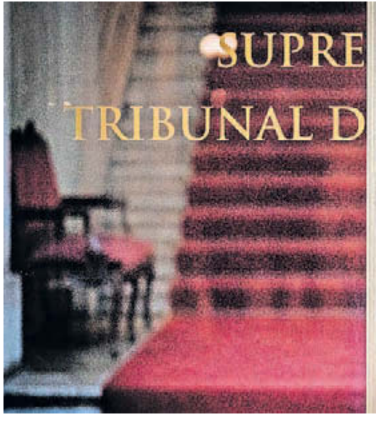
JUSTIÇA Em 2012, o tribunal condenou a SIC a pagar 115.758 euros por ofensa à honra ao socialista açoriano Ricardo Rodrigues. A estação pagou, mas recorreu para o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, que considerou a quantia excessiva. Agora, o Supremo revogou o anterior acórdão, cortando a indemnização em 35% e criando um imbróglio jurídico: que sucederá a seguir? 12 anos depois, o político terá de devolver dinheiro à SIC?

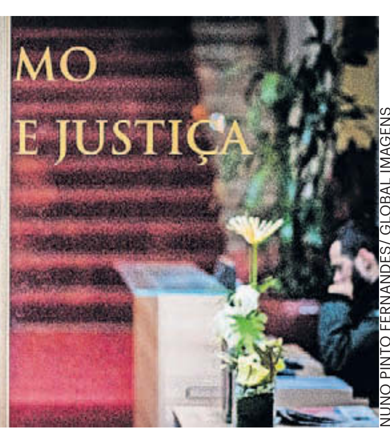
TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

Parece ser um caso único nos tribunais portugueses: uma indemnização decidida há 12 anos pelo Supremo Tribunal de Justiça (STJ), com trânsito em julgado e paga na totalidade, é alterada agora por um novo acórdão do Supremo, que a reduziu em 40 mil euros.

Em causa está o processo cível movido pelo socialista açoriano Ricardo Rodrigues contra a SIC, por esta o ter apresentado, em dezembro de 2003 e janeiro 2004, como suspeito numa rede de abusos sexuais de menores na ilha de São Miguel – a rede investigada no chamado Caso Farfalha. Em 2012, o Supremo ordenou à empresa que pagasse a Rodrigues 115.758 euros por danos patrimoniais e não patrimoniais (morais), mais juros de mora desde a citação, num total de 145.988,28 euros (os quais foram integralmente pagos até outubro de 2013). É essa a decisão que um novo acórdão do STJ, transitado em julgado em maio, veio revogar, alterando o quantitativo da reparação monetária.

Tal alteração surge por força de uma decisão do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH) em resposta a uma queixa da SIC contra Portugal. Concordando embora com a condenação decretada pelos tribunais portugueses – para os juízes de Estrasburgo a atuação da SIC foi "irresponsável", causando prejuízo a Ricardo Rodrigues e sendo assim merecedora de sanção –, o TEDH considerou "excessiva" ou "desproporcionada" a dita indemnização.





NUNO PINTO FERNANDES/ GLOBAL IMAGENS

SIC pediu revisão do acórdão do Supremo após decisão do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. O Supremo Tribunal manteve a condenação mas diminuiu a indemnização a pagar ao socialista Ricardo Rodrigues.

"Enquanto não é possível concluir que não foi causado dano ao direito de Ricardo Rodrigues à reputação e honra, o tribunal considera difícil de aceitar que o dano causado tenha um tal nível de gravidade que justifique uma indemnização daquela grandeza", lê-se no acórdão do TEDH, de 27 de julho de 2021. "Um valor tão elevado, que é alto comparando com casos anteriores dizendo respeito a Portugal que o tribunal examinou [...], é também capaz de desencorajar a participação da comunicação social em debates sobre matérias de legítimo interesse público e tem um efeito inibidor na liberdade de expressão e na comunicação social. O tribunal considera-o, assim, excessivo neste caso [...] sendo a conclusão de que a interferência no direito à liberdade de expressão da empresa queixosa foi desproporcionada e não 'necessária numa sociedade democrática' [...]"

Porém, ao contrário do que é costume suceder num tribunal que julga Estados – os processos ali aceites têm sempre como réu o país no qual a situação ocorreu e como objeto de apreciação a legalidade das decisões dos tribunais desse país e sua conformidade com a Convenção Europeia dos Direitos Humanos (CEDH), tratado internacional que vincula os países que, como Portugal, o assinaram –, não foi arbitrada uma reparação, a pagar pelo Estado português, de modo a remediar aquilo que o TEDH considera ter sido um julgamento violador do artigo 10.º da Convenção (que consagra o direito à liberdade de expressão) por parte do tribunal nacional.

Limitando-se a ordenar a Portugal que pagasse pouco mais de quatro mil euros à SIC a título de despesas com o processo de recurso para aquela instância, os juízes de Estrasburgo passaram a bola aos tribunais portugueses: "No que respeita à violação [da CEDH] que identificou [...], o tribunal considera que neste caso a forma mais apropriada de reparar as consequências dessa violação é reabrir, a pedido da empresa queixosa, o processo do qual se queixa. Uma vez que a lei do país permite que essa reparação tenha lugar, o tribunal considera que não há necessidade de atribuir à empresa queixosa qualquer soma a respeito de indemnização pecuniária."

Seguindo as instruções do TEDH, a SIC deu entrada no STJ de um recurso de revisão, o qual foi aceite e resultou, em acórdão de 10 de abril último, na revogação do acórdão anterior e nova condenação da empresa. Com a diferença de que, mantendo a indemnização por danos patrimoniais e arbitrando o mesmo valor, baixa a quantia relativa a danos morais de 50 mil para 10 mil euros.

O novo total é de 75.758 euros (mais uma vez acrescidos de juros de mora desde a citação, ou seja, desde 2007, quando a SIC foi notificada da existência do processo). Face à indemnização recebida em 2013 por Ricardo Rodrigues – 145.988,28 euros –, a diferença andará nos 80 mil euros. A questão é: a quem cabe ficar com essa diferença, reparando os danos pecuniários que o TEDH considera terem sido sofridos pela SIC?

"Que eu saiba, o TEDH condena Estados, não particulares"

A decisão do Supremo não esclarece a quem cabe pagar as favas. Alguns juristas ouvidos pelo DN creem que só pode ser ao recipiente da indemnização (Ricardo Rodrigues), que terá de devolver a quantia que a SIC lhe pagou "a mais", tendo assim o novo acórdão do STJ "eficácia retroativa". Outros, porém, declaram que esta nova decisão põe em causa o princípio constitucional da segurança jurídica e do "caso julgado" e que o TEDH deveria ter ordenado ao Estado que indemnizasse a SIC, porque é do Estado a responsabilidade objetiva pela conduta dos tribunais.

A ideia de que rever, por força de uma decisão internacional, decisões nacionais "fixadas" corresponde a uma inconstitucionalidade é, de resto, abordada num acórdão do STJ de novembro de 2012, da autoria de Oliveira Mendes, Maia Costa e Pereira Madeira, no qual se lê que o funcionamento do TEDH como "um novo grau de recurso" é "inconstitucional, por notoriamente violador do caso julgado."

Ante tal argumentação, há, porém, quem contraponha que "os valores da segurança jurídica e do caso julgado não são absolutos e o recurso de revisão [o pedido de reabertura do processo nacional referido pelo TEDH] serve precisamente para mexer em decisões que já transitaram em julgado, porque em determinados casos outros valores devem prevalecer sobre os da segurança jurídica".

E há mesmo quem assuma não saber qual o caminho correto. "É um caso muito *sui generis*", diz ao jornal um dos juristas contactados. "Para responder terei de estudar mais. Não conheço nenhum outro processo do TEDH, pelo menos dos relativos a violação do artigo 10.º da Convenção [o artigo que consagra o direito à liberdade de expressão], com este desfecho."

De facto, como explica ao DN um magistrado, que prefere não ser identificado, este tipo de decisão do TEDH não é muito comum, sobretudo por não dar instruções sobre o que será uma in-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

demnização correta. Já a remissão para os tribunais internos não é algo de novo: "Antigamente havia a dúvida sobre se as decisões do TEDH poderiam ter efeito na ordem jurídica interna ou não. Mas em 2007 os Códigos de Processo Penal e Civil foram alterados [pela Lei n.º 48/07, de 29 de agosto], para que essas decisões fossem consideradas 'factos novos', possibilitando um recurso de revisão e alteração das sentenças nacionais. A partir daí, se o TEDH não atribui diretamente uma indemnização a pagar pelo Estado e diz que têm de ser as instituições internas a resolver, ou o Ministério Público ou o interessado requerem a reabertura e os tribunais são obrigados a rever as decisões à luz do acórdão do TEDH."

Ora, nota este magistrado, como "os recursos para o TEDH não têm efeito suspensivo [não impedem o trânsito em julgado] e como o tribunal não é nada lesto a decidir, pode suceder passarem muitos anos, e, por hipótese, a pessoa que recebeu a indemnização ter gastado tudo e não ter como devolver. Ou ter morrido e serem os herdeiros a ter de pagar". Ou seja, alguém que recebeu uma indemnização ordenada pelos tribunais do seu país e legitimamente a considerou sua, fazendo dela o que lhe aprouve, pode ver-se, ou podem os seus herdeiros encontrar-se, numa situação em que são arrestados salários ou os bens (como a casa).

Uma situação que causa perplexidade, sentimento do qual Ricardo Rodrigues, contactado pelo DN, se faz eco: "Que eu saiba, o TEDH condena Estados, não particulares. Não fui sequer ouvido no processo no TEDH. Processei a SIC e o resultado do processo foi decidido pelos tribunais portugueses; em causa na decisão do TEDH está a atuação dos tribunais portugueses, não a minha. Não me parece que faça sentido ser um particular a arcar com as consequências daquilo que o TEDH considera uma violação da Convenção pelos tribunais."

SIC noticiou que Ricardo Rodrigues fora detido, mas era falso

Certo é que até agora não houve qualquer resultado material do decidido – nem Ricardo Rodrigues "devolveu" qualquer quantia à SIC nem a SIC deu entrada a uma ação para executar a decisão do Supremo.

Vamos então à substância do processo. Os factos têm mais de 20 anos: remontam a dezembro de 2003 e janeiro de 2004, mais precisamente a noticiários da SIC e SIC Notícias de 6 a 8 de dezembro de 2003 e de 9 de janeiro de 2004.

A 6 de dezembro, o *Jornal da Noite* da SIC abriu com o que era apresentado como uma "rede de pedofilia" nos Açores, que nesse mesmo dia, sábado, era também objeto de uma reportagem no semanário *Expresso* da autoria da jornalista Felícia Cabrita. Tratava-se, como explicou o pivô, de uma investigação *Expresso*/SIC: "Notáveis dos Açores foram implicados no escândalo [...]. Entre os suspeitos estão políticos conhecidos em todo o país e também professores, um padre, um magistrado, dois médicos, um arquiteto, um advogado e vários comerciantes."

Na peça que se seguiu a este introito, a repórter entrevistava uma das alegadas vítimas, um rapaz que falava sob anonimato, relatando que este aos 13 anos "já conseguia reconhecer todos os homens que o procuravam. Foi em Porto da Calheta, onde vivia, que conheceu um advogado que viria a ser membro do Governo Regional dos Açores". Mais à frente, outro repórter, o correspondente da SIC no arquipélago, Estêvão Gago da Câmara, falando em frente ao edifício do Executivo regional, certificava: "A investigação SIC/*Expresso* registou várias referências ao envolvimento de figuras conhecidas [...], e essas referências apontam para o envolvimento de um membro do atual governo regional: um político atualmente no poder... Fomos informados pelo Partido Socialista e pelo governo regional de que não haverá comentários por agora."

No dia seguinte, o *Jornal da Noite* voltava ao assunto, reiterando, através do mesmo repórter, que o silêncio do governo continuava e que "alguns dos acusados tinham passado o fim de semana fora dos Açores".

Então secretário regional da Agricultura e Pescas e o único advogado membro do Executivo, Ricardo Rodrigues encontrava-se de férias no estrangeiro quando foi alertado para estas notícias. Regressando ao arquipélago a 8 de dezembro, apresentou a demissão, emitindo um comunicado: "Nada tenho a ver com o processo que tem sido noticiado relacionado com abuso sexual de menores. Mas não posso, no entanto, ignorar a existência de rumores, insultos que me são dirigidos, em relação ao processo em questão", afirmou. Durante a divulgação desta declaração, no oráculo constante na emissão da SIC lia-se: "O escândalo de pedofilia nos Açores faz cair um membro do governo regional."

Às sete da tarde desse mesmo dia, o repórter Estêvão Gago da Câmara comentava, respondendo a uma pergunta do pivô da SIC Notícias: "É uma declaração de inocência mas, ao mesmo tempo, em termos políticos, é absolutamente extraordinário, na medida em que temos um membro do governo que decidiu demitir-se com base em rumores." Às oito, o *Jornal da Noite* abria com a notícia da demissão, contextualizando-a assim: "O escândalo rebentou na sexta-feira [6 de dezembro], quando a investigação SIC/*Expresso* foi publicada [...] A maioria dos jovens [alegadas vítimas da rede de abuso sexual] que falaram com a SIC e o *Expresso* menciona os mesmos nomes que estão na lista da polícia. Entre os suspeitos listados estão políticos conhecidos na região, professores, um padre, um magistrado, dois médicos, um arquiteto, um advogado e vários empresários."

Um mês depois, às 10 da manhã de 9 de janeiro, a SIC Notícias anuncia que "oito dos 12 suspeitos de abuso sexual de menores [que haviam sido detidos no dia anterior para interrogatório] ficam em prisão preventiva". De seguida, uma jornalista afirma: "Dos 12 suspeitos ontem detidos pela Polícia Judiciária, só quatro não ficaram detidos. É o caso do secretário Regional da Agricultura e Pescas, que [...] saiu do tribunal já perto das três, das duas horas... Foi também por volta dessa hora que um carro celular abandonou o tribunal a caminho do estabelecimento prisional da cidade".

Duas horas mais tarde, a SIC Notícias assumia como falsa ("um lapso") a notícia de que Ricardo Rodrigues fora detido no dia anterior e ouvido no tribunal em referência ao seu envolvimento na rede de abuso sexual de menores. Efetuou essa retificação nos noticiários das 12 e das 13 horas.

Em 2012, o Supremo dissera ter ajuizado o valor dos danos morais em 50 mil euros a partir de casos "similares, ainda que menos graves"; em 2024, embora reconhecendo a gravidade das imputações, afirmou que 10 mil euros não era "irrazoável".

"Ofensa grave dos direitos fundamentais à honra e bom nome"

A 28 de abril de 2005 terminava em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, o julgamento daquele que ficou conhecido, a partir da alcunha do principal suspeito – um pintor da construção civil de nome José Augusto Pavão –, como o Caso Farfalha.

Iniciado a 14 de março de 2005, resultou na condenação de 14 dos 18 arguidos por crimes de abuso sexual de crianças e menores, violação e exibicionismo. A pena mais elevada foi a de "Farfalha": 14 anos de prisão efetiva por 13 crimes. Houve mais seis condenações a prisão efetiva, nomeadamente a de um médico, Luís Arruda, que fora delegado de saúde no concelho da Lagoa, a três anos, de um empreiteiro, José Luís Benzeiro Tavares, a sete anos, e de um bancário, José António Sousa, a quatro anos e seis meses.

De Ricardo Rodrigues nada constou; nunca foi arguido e, segundo o que se lê como factos provados no acórdão do Supremo de 2024 que reduz a indemnização a pagar pela SIC, não terá sido sequer suspeito: "A única referência que em todo o processo [de abuso sexual de menores] é feita ao autor [da ação contra a SIC, Ricardo Rodrigues] é a de um 'suposto abusado' que afirma nas suas declarações que uma repórter/jornalista havia insistido com ele e, mostrando-lhe fotografia do autor, perguntara-lhe por diversas vezes se o autor havia mantido 'atos homossexuais' com ele."

Ilibado, o socialista avançou com um processo cível contra a SIC, a SIC Notícias e o jornalista Estêvão Gago da Câmara, pedindo 65.785 euros em danos patrimoniais – correspondentes à diferença entre os salários como membro do governo regional, que



Ricardo Rodrigues diz que não foi ouvido pelo TEDH. Até ao momento, nem devolveu nenhuma verba à SIC nem esta deu entrada a uma ação para executar a decisão do tribunal.



ARQUIVO DN

deixara de auferir no ano de 2004 por se ter demitido, e o rendimento anual como advogado –, e 400 mil euros em danos não patrimoniais.

Na 1.ª instância (Tribunal de Oeiras) obteve a condenação dos dois canais e do jornalista e uma indemnização de 115 mil euros (da qual o jornalista deveria pagar 40% e a empresa 60%), mais juros de mora desde a citação; na 2.ª instância (o Tribunal da Relação de Lisboa), para a qual as partes recorreram, manteve-se a condenação dos canais, sendo absolvido Estêvão Gago da Câmara e arbitrada uma indemnização de apenas 10 mil euros, e só por danos morais (os juízes desembargadores consideraram que a demissão do político fora uma decisão sua, pela qual a SIC não podia ser responsabilizada).

Já o Supremo, em acórdão de 2012 (da autoria dos juízes conselheiros Mário Mendes, Sebastião Póvoas – que viria a ser presidente do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social – e Moreira Alves), manteve a absolvição do jornalista, mas aumentou a indemnização. "Para qualquer pessoa dotada de um padrão médio de razoabilidade e bom senso, apresenta-se como óbvio que a não fundada imputação, pública e reiterada, através de um órgão de comunicação social (no caso um relevante canal de televisão) a um cidadão (em concreto, um cidadão com demonstrada e reconhecida intervenção a nível cívico, público e político) de envolvimento em atos de pedofilia e envolvimento sexual com menores, ainda que objeto de posterior retificação, constitui, no seu conjunto, muito mais do que meros incómodos destituídos de relevância jurídica […]", argumenta o acórdão do Supremo de 2012, que explica de seguida que ajuizou o valor da reparação por danos morais a partir de decisões sobre casos semelhantes, "ainda que menos graves". "Ponderadas todas as circunstâncias relevantes que nos são fornecidas pelos factos provados, circunstâncias que indiscutivelmente apontam para uma ofensa grave dos direitos fundamentais à honra e bom nome do autor, uma ofensa que naturalmente provocou sofrimento tanto a ele como aos seus familiares mais diretos […], ponderados os montantes atribuídos para situações similares, ainda que menos graves […], julga-se adequado fixar a indemnização devida por danos não patrimoniais sofridos pelo autor em 50 mil euros […]"

"10 mil euros não é um valor desajustadamente baixo"

12 anos depois, na sua revista do caso (por força da decisão do TEDH), o mesmo tribunal, agora pela pena dos conselheiros Nelson Borges Carneiro, Manuel Aguiar Pereira e Jorge Arcanjo, desceria a indemnização por danos morais para um quinto.

Isto malgrado reconhecer quer a gravidade do dano causado a Ricardo Rodrigues quer o facto de a responsabilidade civil por danos morais ter "uma dupla função: compensatória e punitiva" – "compensatória. na medida em que o *quantum* atribuído a título de danos não patrimoniais consubstancia uma compensação, uma satisfação do lesado, na qual se atende à extensão e gravidade dos danos; punitiva, na medida em que a lei enuncia que a determinação do montante da indemnização deve ser fixada equitativamente, atendendo ao grau de culpabilidade do agente, à situação económica desta e do lesado e às demais circunstâncias do caso". O coletivo de juízes conselheiros acabaria por considerar a quantia de 10 mil euros como "suficientemente compensatória" para Ricardo Rodrigues e "suficientemente punitiva" para a SIC, reputando-a de não "irrazoável face ao dano verificado" nem "desajustadamente baixa".

"Tendo em atenção os critérios que pelo TEDH têm sido perfilhados na matéria, cremos que o montante de 10 mil euros se apresenta como uma interferência não desproporcional no direito à liberdade de expressão da recorrente [a SIC], não infringindo o artigo 10.º da CEDH. Tal valor constitui uma adequada tradução da operação de compatibilização prática entre a elevada gravidade das imputações que foram dirigidas ao autor e a mediana gravidade dos danos que lhe foram causados, na medida em que retomou a sua atividade política pouco depois das notícias em causa, tendo chegado a exercer as funções de vice-presidente do Grupo Parlamentar do PS", argumentaram os juízes conselheiros.

Em abril de 2010, durante uma entrevista de Ricardo Rodrigues, então deputado na Assembleia da República, à revista *Sábado*, os jornalistas aludiram aos "boatos de pedofilia nos Açores em 2003". O entrevistado levantou-se e abandonou o local, levando consigo os gravadores dos entrevistadores, que estavam sobre a mesa. Acusado do crime de "atentado à liberdade de imprensa", foi condenado, em junho de 2012, a uma multa de 4950 euros, condenação confirmada em 2013 pelo Tribunal da Relação de Lisboa. No acórdão da Relação lê-se: "No decurso da entrevista avisou por diversas vezes os jornalistas que, caso insistissem nessas perguntas, não responderia a essas questões por as considerar insultuosas e difamatórias […] Como o próprio arguido reconhece, a associação […] a processos relacionados com a pedofilia é algo que lhe causa grande perturbação, pelo que, aquela tensão e incómodo […] aumentaram, tendo o seu pico no momento em que lhe é efetuada uma pergunta sobre o processo conhecido como 'Garagem do Farfalha'."

Um jurista ouvido pelo DN suspira. "A ideia de que em caso de conflito entre o direito ao bom nome e o direito à liberdade de expressão o segundo prevalece, mesmo nos casos em que se trata de informações falsas, é problemática. Os juízes do TEDH dizem que a Convenção dá prevalência à liberdade de expressão e é verdade. Mas não é líquido que a Constituição o faça nos mesmos termos. Seria interessante que o Tribunal Constitucional fosse levado a pronunciar-se."

> "O TEDH condena Estados, não particulares. Processei a SIC e o processo foi decidido pelos tribunais portugueses. Não me parece que faça sentido ser um particular a arcar com as consequências daquilo que o TEDH considera uma violação da Convenção pelos tribunais nacionais."
>
> *Ricardo Rodrigues*



Opinião
Francisco Rui Cádima

Setor dos *media:* como desatar as mãos

A internet, como metáfora da sociedade da abundância tecnológica, da plena mediatização da experiência e da democracia deliberativa, está a ser, ao invés, a criadora de uma rede de novos Frankensteins que ameaçam os criadores, tecem uma rede de regressão política e com ela ameaçam as democracias.

O mito da interação sem ruído caiu por terra e a desintermediação, que chegou a ser considerada o traço definidor da era digital, consolida-se num movimento contrário, numa hiperintermediação de dispositivos de controlo da internet, de moderação automatizada de conteúdo, de *tracking* e de novos *gatekeepers* – que teimam em dizimar o que resta do quarto poder, impondo aos *media* acontecimentos e narrativas sem autor, sem substância, e uma agenda perversa.

A questão da interação jornalista-público

Há praticamente 30 anos, quando a internet dava os seus primeiros passos, havia alguma esperança naquilo que se considerava ser a grande arma das redações: a interatividade. Ora, a interatividade – um dos princípios estruturantes do funcionamento da web, bem identificado enquanto tal nos meados dos anos 90, não terá chegado verdadeiramente ao jornalismo, com algumas raras exceções.

De que interatividade falamos? Não, certamente, das caixas de comentários de notícias e afins, onde o ocioso *lumpen-proletariat* do digital vagueia pela net a destilar as suas raivas e o seu ódio pestilento. Falamos de comunidades de leitores e jornalistas com as suas ligações assentes em elos fortes, através dos quais as redações constroem a sua rede ativa e criativa de seleção e produção de notícias e de investigação jornalística. O que significa que, no limite, quando a notícia chega ao público, pode já ter passado por diversas etapas – de informação, debate, sugestões e consolidação, ocorridas na rede interativa entre o jornalista e a plêiade de leitores que o "seguem". Este um passo que em décadas, estranhamente, não foi consolidado e tem amarrado o jornalismo à era analógica.

Com a progressiva integração das tecnologias digitais, interativas, e agora generativas no campo dos *media*, existe um mundo de possíveis entre o jornalista e o seu público que transporta o modelo clássico dos *media* em "pirâmide", analógico, para um modelo matricial. O problema é que os *media* tradicionais têm mantido ao longo destes últimos 30 anos uma resistência, ou talvez uma dificuldade, nesta mudança, o que constitui uma das razões para a atual crise dos *media* informativos.

Modelo invertido

A notícia menos boa é que hoje o "novo *media*" é o homem, é o utilizador. E aqui estamos perante uma inversão radical de todo o processo. Os efeitos dos modelos interativos e participativos têm, portanto, uma outra implicação nos *media* noticiosos, dado que cada utilizador pode ser ele próprio um agente, ou produtor, ou mesmo disseminador de notícias, usando conteúdo, ferramentas, redes e estratégias, mas que não se compaginam com aquilo que reconhecemos no jornalismo profissional e na informação séria, rigorosa e independente.

Mais grave ainda, a (des)informação assentou arraiais nas plataformas digitais e passou a dominar o processo informativo. Um dos primeiros estudos sobre este problema (Robin Foster, *News Plurality in a Digital World,* Reuters Institute, 2012) apontava já para cerca de 72% de (des)informação proveniente de dispositivos que reciclam notícias de fontes jornalísticas seguras, sejam os motores de busca, os agregadores de notícias, as redes sociais ou as aplicações. Ao fazê-lo, convertem os conteúdos em textos adulterados por lógicas algorítmicas, comerciais, e quantas vezes em narrativas envenenadas pelo discurso de ódio ou pela polarização cultural e política – é o modelo da economia da atenção, do *clickbait*, dominado pelo algoritmo *"the winner takes it all"*.

Porquê desatar as mãos

A superação de resistências, de dificuldades, o encontrar da solução quase "mágica" para o relançamento inequívoco, robusto, do "quarto poder", como decisivo escrutinador dos poderes político e económico e da coisa pública em ambiente digital, não é fácil. Provavelmente, ou passa pela inovação da indústria no plano das práticas, tecnologias e redes, tendo como alvo prioritário o aprofundamento do modelo (comunicacional, económico) de interação com os públicos, ou perderá o combate para a desinformação e o desregramento completo que a polarização e as *fake news* têm vindo a conquistar ao espaço dos *media* noticiosos através do modelo da economia da (des)atenção. Perdida a batalha, soçobramos perante a hiperatenção que dispersa e distrai. E esta não é mais do que uma "censura invisível" que modela o ambiente de toxicidade das redes sociais.

Investigador do ICNOVA – Instituto de Comunicação da NOVA e professor catedrático (ap.) da NOVA FCSH.



Opinião
Luísa Loura

A importância dos números na construção do futuro

Os retratos estatísticos do mundo, dos países, das suas localidades, são, para a sociedade, como os métodos não invasivos de diagnóstico são para os médicos. Revelam sinais, lançam alertas e apelam a que investiguemos as causas profundas. Quanto mais completos e atuais forem esses retratos, mais úteis se tornam, por apontarem caminhos de investigação e por suportarem decisões políticas mais eficazes e atempadas.

No caso concreto do nosso país, sabemos bem que enfrenta desafios complexos que trazem ameaças sociais e económicas a curto e médio prazo. Algumas destas questões devem ser enfrentadas já, sob pena de não conseguirmos desenvolver soluções a tempo. O envelhecimento da população, os baixos salários e, num contexto mais universal, as alterações climáticas são exemplos de realidades espelhadas pelos números, muito possivelmente sem solução a curto prazo, mas cujas consequências podem colocar em causa a sustentabilidade económica e social do país.

Retomo a analogia inicial para reforçar a importância do diagnóstico inicial. Hoje, mais do que nunca, as decisões estruturais devem ser sustentadas pelo conhecimento mais rigoroso possível da realidade, para minimizar riscos e para estabelecer estratégias eficazes e duradouras.

Tendo em conta a velocidade com que a informação viaja e a forma como esta é muitas vezes adulterada, pode existir a perceção de que há falta de fontes fidedignas e fiáveis para esse diagnóstico inicial. Mas não é esse o caso. Existem diversas plataformas que dão um contributo essencial e que oferecem ferramentas valiosas para se compreender e conhecer Portugal. A abundância de informação e de dados que estas plataformas disponibilizam pode e deve ser aproveitada.

Foi essa a visão que se teve para a própria Pordata, criada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS): abranger muitas destas fontes, entre as quais o Instituto Nacional de Estatística (INE), o Eurostat e o Banco de Portugal, instituições cuja credibilidade e rigor são reconhecidos a nível nacional e internacional.

A partir do manancial de dados podemos perceber onde estivemos, onde estamos, quais são as tendências que podemos esperar e onde nos posicionamos no contexto europeu em áreas fundamentais como a saúde, educação, economia, bem-estar social, entre outras.

A Pordata, enquanto agregadora de todos estes dados, tem como missão prestar este serviço público. Além de agregar toda a informação, facilita a sua leitura, disponibilizando infografias, estudos ou notas temáticas. O objetivo é simplificar a compreensão de dados complexos, sejam nacionais ou municipais. A comparação de dados entre Portugal e outros países europeus é outra funcionalidade crucial da Pordata. Este confronto permite situar Portugal no contexto europeu, identificando áreas de sucesso e de necessidade de melhoria.

Atualmente, a Pordata está também a reestruturar o seu *site*, dando mais um passo na simplificação da compreensão do país. A navegação será mais intuitiva e o acesso à informação mais relevante e mais rápido, num objetivo claro de se abrir mais ao mundo e municiar um público mais alargado com informação que o apoie nos debates construtivos. Para pensar o país é preciso compreendê-lo e, para isso, é necessário ter acesso a dados precisos e incontestáveis.

Diretora da Pordata.

Portuguesa morta em acidente de aviação no Brasil era professora

TRAGÉDIA A vítima tinha três filhos e viajava com o marido, que também perdeu a vida. Número de mortos subiu para 62 no total e as causas do acidente estão a ser investigadas.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A cidadã portuguesa que está entre as vítimas do acidente aéreo em São Paulo, Gracinda Marina Castelo da Silva, era professora e pré-candidata à Assembleia Municipal de Toledo, cidade próxima do local onde o avião iniciou a viagem para São Paulo. A profissional estava prestes a completar 48 anos. O marido da vítima, Nélvio José Hubner, viajava na mesma aeronave. O casal tinha três filhos e estava junto há 25 anos.

Segundo o perfil do Facebook da vítima, Gracinda era natural da Nazaré. Em fevereiro de 2022, partilhou com os seus seguidores nas redes sociais uma curiosidade: uma foto a regar uma sala com "o puro azeite português, direto da terra da avó". Apaixonada por cozinhar, chamava a atenção para o tamanho do galheteiro do produto. Na altura, a professora tinha acabado de regressar ao Brasil de uma viagem a Portugal.

Em junho daquele ano esteve no país novamente, onde matou as saudades do pastel de Belém com canela. "Nem gosto", escreveu. A portuguesa era uma viajante nata, com particular gosto por andar de mota, nomeadamente de Harley Davidson. Uma das viagens com o marido e amigos foi ao deserto do Atacama, no Chile, um dos destinos preferidos para os apreciadores de motas.



Gracinda Marina Castelo da Silva e o marido, NélvioJosé Hubner.

E também demonstrava ser uma pessoa feliz na profissão que escolheu, pois há centenas de fotos e vídeos relacionados com a atividade docente. Doutorada em Engenharia Química, lecionava na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Alunos e colegas deixaram diversas mensagens a lamentar a morte precoce da professora e a universidade decretou três dias de luto oficial e também lamentou a tragédia.

Nélvio José Hubner era procurador municipal de Toledo, cidade a 45 km de distância de Cascavel. O profissional estava no cargo desde 2011. As autoridades municipais de Toledo lamentaram a morte do servidor público, definido como "exemplar". A câmara municipal também divulgou uma nota de solidariedade.

No total, 62 pessoas morreram no acidente. As autoridades trabalham na identificação dos corpos e ainda não há previsão de liberação para os atos fúnebres.

No X (antigo Twitter) e em declarações aos jornalistas, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, apresentou as condolências pela morte da compatriota. Da mesma forma, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, manifestou solidariedade.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT "faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido". O resultado foi este.

Ricardo Sousa CEO da Century 21 Portugal

"É no 'hoje' que construímos o futuro!"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Gostava de voar.
Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
How I Met Your Mother, *Suits* e *Peaky Blinders*.
Qual a comida mais estranha que já experimentou?
Sopa de patas de galinha, que comi num restaurante em Xangai.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Continuaria a viver no presente, mas viajava para vários sítios ao mesmo tempo. E por vezes até é o que acontece, pois viajo muito quando desligo. Na minha opinião, é no "hoje" que construímos o futuro!



Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
O Super Mário.
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
I gotta feeling, dos The Black Eyed Peas, num *karaoke* em Tóquio, com todos os presidentes mundiais da marca Century 21 a assistir.
Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Não trocaria.
Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?



DR

We are the people, dos Empire of the Sun.
Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e porquê?
O Indiana Jones, pois é algo que está no meu imaginário, de viver essas aventuras que apenas são possíveis no grande ecrã.
Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Já me esqueci…
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Uma águia, pela sua visão e capacidade de voar alto.
Qual a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Não sou pessoa de sobremesas, mas não resisto a um chocolate preto e como todos os dias bolachas torradas a seguir ao jantar.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Já temos muitos feriados, considero que devemos celebrar todos os dias.



Qual o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Endireitar as coisas.
Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
O Warren Edward Buffett, presidente do conselho e diretor executivo da Berkshire Hathaway.
Qual a piada mais engraçada que conhece?
Um homem vai a uma vidente. Chega, bate à porta e a vidente pergunta: "Quem é?" O homem responde: "Começamos mal."
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Um cão, e perguntaria se realmente gosta de comer ração.
Qual o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Faço um arroz de lima delicioso.
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Escolhia o verde, porque está relacionada com a natureza, que adoro.
Qual a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
"Porquê?" Tenho uma curiosidade natural por saber mais.
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma máquina que me permitisse estar em mais do que um sítio ao mesmo tempo.



Qual a coisa mais ridícula que já comprou?
Não sou muito impulsivo a comprar coisas. Se não tem utilidade para mim ou valor, dificilmente compro.
Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Bife com batatas fritas.
Qual a sua memória de infância mais engraçada?
Saltar de telhado em telhado com amigos, rindo e sentindo-nos como se fôssemos super-heróis.
Se fosse um meme, qual seria?
Seria aquele de alguém numa reunião, com a legenda: "Quando estás numa reunião mas a tua mente já está a resolver outros desafios e planeando o futuro."
Qual seria o título da sua autobiografia?
O extraterrestre.
Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
O Super Mário.
Qual o seu trocadilho ou piada favorito?
Sem pressas, mas sem pausas.
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Assistia a um Conselho de Ministros.
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Aprendi que, se há relação, tudo é possível.



Atividade é exercida fundamentalmente por mulheres de nacionalidade portuguesa.

FERNANDO TIMÓTEO/GLOBAL IMAGENS

Registo oficial de empregadas domésticas abranda no 1.º semestre

TRABALHO Corrida inicial às inscrições na Segurança Social perdeu força nos últimos meses. Há agora 252 mil profissionais que declaram uma remuneração média mensal de 325 euros.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Existem atualmente 251.810 trabalhadoras domésticas inscritas no Instituto da Segurança Social, número que reflete a entrada no sistema contributivo de mais de 34 mil profissionais no último ano e meio. A entrada em vigor da criminalização dos empregadores que não declarem, num prazo de seis meses, a admissão de trabalhadores deu um forte impulso às inscrições. Mas esse movimento tem vindo a perder força. No primeiro semestre deste ano, a média mensal de novas entradas no sistema rondou as 1400. No entanto, verifica-se uma quebra significativa quando se compara as 2578 adesões verificadas em maio de 2023 (primeiro mês da lei) com as 1132 registadas em igual período deste ano (uma descida de 56%).

A corrida às inscrições arrancou nas semanas anteriores à entrada em vigor das alterações ao Código do Trabalho no âmbito da Agenda do Trabalho Digno. Em abril de 2023 houve um aumento de 367% no número de trabalhadores do serviço doméstico inscritos na Segurança Social, segundo dados fornecidos pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS). A adesão manteve-se firme nos meses seguintes, com registos de crescimentos de 366,7% em maio, 422% em junho e 257% em julho.

A moldura penal por incumprimento da lei – passou a ser considerado crime a não declaração da admissão de trabalhadores, incluindo os domésticos, e sujeito a uma pena de prisão até três anos e a uma multa até 360 dias – terá sido determinante. Ainda assim, nos primeiros 12 meses da entrada em vigor da lei entraram nos serviços de fiscalização 17 denúncias (duas no Norte, 10 em Lisboa e Vale do Tejo, duas no Alentejo e três no Centro). Segundo o MTSSS, as irregularidades detetadas respeitavam à não comunicação do trabalhador no prazo legal e ao não pagamento das contribuições.

Mas as inscrições não pararam até ao fim de 2023, embora o ritmo tenha abrandado. A 31 de dezembro do ano passado contabilizavam-se 24.230 novas inscrições ativas na Segurança Social. Somam-se agora mais 10.304, que entraram no sistema entre janeiro e meados de julho. Vivalda Silva, coordenadora nacional do STAD (sindicato que representa estas trabalhadoras), reconhece que quando a lei saiu "houve um conjunto grande de trabalhadoras a inscrever-se. Os empregadores tiveram medo". Mas, entretanto, "deixou de haver". Segundo a sindicalista, "há trabalhadoras que não querem inscrever-se na Segurança Social, que ainda não perceberam os benefícios".

Para Vivalda Silva "a lei é positiva", mas tem dúvidas se é esse o caminho. "Não sei se é pela lei que se contorna esta questão", diz. A maioria das empregadas domésticas à margem da lei são as que trabalham a tempo parcial, que têm mais do que um empregador. As razões prendem-se essencialmente com o desconhecimento da legislação, que vem acompanhado da pouca escolaridade. Mas a legislação tem problemas e o essencial é a falta de proteção social no caso de desemprego, defende o STAD. "É preciso que a lei seja alterada para que tenham subsídio de desemprego."

Portuguesas dominam

De acordo com as informações prestadas pelo ministério liderado por Maria do Rosário Palma Ramalho, a grande maioria das trabalhadoras domésticas inscritas no Instituto da Segurança Social são portuguesas (47.435 em janeiro deste ano), seguindo-se as brasileiras a larga distância (2671 registos) e as cabo-verdianas (1393). Segundo foi possível apurar, a lista de nacionalidades integra muitas origens, embora sem expressão no número de trabalhadoras por país. No que toca à remuneração média declarada destas profissionais, no primeiro semestre deste ano situava-se em 325 euros, traduzindo um aumento de 5 euros (1,5%) face ao valor registado em 2023.

O STAD reconhece dificuldades em obter um retrato do setor (número de profissionais, idades, remunerações, condições de trabalho...), mas não tem dúvidas de que a atividade é essencialmente exercida por mulheres e de nacionalidade portuguesa. Segundo Vivalda Silva, "há imigrantes e uma pequena percentagem de homens, mas a grande maioria são portuguesas". A responsável acredita que muitas recebem o Salário Mínimo Nacional (820 euros) – as que trabalham oito horas num só empregador. Já entre as que têm mais do que uma entidade patronal é difícil conhecer o valor do salário mensal, até porque o preço/hora é definido entre as partes e pode oscilar entre os 7 e 10 euros. Vivalda Silva sublinha que este é um mundo à parte, onde muitas não têm férias (ou, se têm, não recebem nesse mês), folgas, subsídio de Natal... E o Estado também não tem meios para fiscalizar.

O STAD irá lançar em breve um *Livro Branco*, documento que irá transpor as conclusões e propostas que saíram do projeto Serviço Doméstico Digno, uma iniciativa deste sindicato financiada pelo fundo EEA Grants. Neste trabalho conseguiram reunir depoimentos de mais de 100 trabalhadoras domésticas, mas com muitas dificuldades. Segundo Vivalda Silva, "não conseguimos falar com ninguém no Algarve e na Madeira, apesar de o levantamento ser anónimo. Foi preciso recorrer à rede de dirigentes sindicais da limpeza industrial para chegar a estas trabalhadoras. Têm receio de falar".

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt



Uma criança ferida chora no pátio do Hospital dos Mártires de Al-Aqsa.

EYAD BABA / AFP

93 mortos num ataque a escola, que Israel diz que escondia base do Hamas

FAIXA DE GAZA Segundo as contas das Nações Unidas, 21 escolas foram atingidas pelos bombardeamentos israelitas no espaço de pouco mais de um mês. Comunidade internacional condena a morte de civis.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Em pouco mais de um mês, pelo menos 21 escolas que serviam de refúgio a deslocados palestinianos na Faixa de Gaza foram atingidas por bombardeamentos israelitas, causando a morte a 274 pessoas, segundo os cálculos das Nações Unidas. O último alvo foi o complexo da escola de Al Tabae'en, em Gaza, onde funcionava uma mesquita, que foi atingida durante a oração de manhã. Há pelo menos 93 mortos, entre os quais 11 crianças e seis mulheres, de acordo com as autoridades locais, controladas pelo Hamas.

Israel confirmou o ataque, alegando ter atingido um centro de comando "ativo" deste grupo terrorista palestiniano e da Jihad Islâmica Palestiniana dentro da mesquita no complexo da escola, onde se encontravam pelo menos 19 operacionais que foram mortos. Lembrou também que o Hamas usa os civis como escudos humanos, contestando o número de mortos. "De acordo com uma análise preliminar, os números publicados pelo gabinete de comunicação do governo em Gaza – que atua como braço de comunicação do Hamas – são exagerados e não correspondem à informação disponível nas IDF [Forças de Defesa de Israel], às munições precisas usadas e à precisão do ataque", indicou o exército israelita.

39.790

Mortos Desde o início da guerra na Faixa de Gaza já terão morrido 39.790 palestinianos e 91.702 ficaram feridos, segundo as contas das autoridades controladas pelo Hamas.

Segundo o porta-voz da agência de defesa civil palestiniana, Mahmoud Bassal, pelo menos 350 famílias estão refugiadas no complexo. Tanto o andar superior, onde estão alojadas, como o inferior, da mesquita, foram atingidos. Em declarações à AFP, Bassal disse que "os corpos foram dilacerados" em imagens que "lembram os primeiros dias da guerra na Faixa de Gaza".

O Hamas falou de um "crime horrível" e de uma "escalada perigosa" da situação, menos de um dia depois de Israel aceitar retomar, a partir da próxima quinta-feira, as negociações para uma trégua na Faixa de Gaza. A decisão de voltar à mesa das negociações surgiu após pedidos dos mediadores – EUA, Qatar e Egito –, numa altura em que se tenta evitar que o conflito alastre ainda mais. Israel ainda está à espera da resposta do "eixo da resistência", liderado pelo Irão, à morte do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, numa explosão em Teerão.

O Irão apelidou o ataque de ontem de "genocídio, crime de guerra e crime contra a humanidade". O chefe da diplomacia, Nasser Kanani, alegou que a única maneira de lidar com o "regime brutal é com uma ação firme e decisiva por parte dos países islâmicos e amantes da liberdade do mundo, com um apoio prático à nação palestiniana e às suas lutas legítimas e resistência contra a ocupação e agressão". Já o grupo xiita libanês Hezbollah, outro dos membros do "eixo de resistência", convocou "movimentos e protestos" contra Israel.

A condenação pelo ataque veio também do Ocidente. "Horrorizado com imagens de uma escola em Gaza atingida por um ataque israelita, com alegadamente dezenas de vítimas palestinianas. Pelo menos 10 escolas foram visadas nas últimas semanas. Não há justificação para estes massacres", escreveu o chefe da diplomacia europeu, Josep Borrell. Os EUA disseram-se "profundamente preocupados" com as mortes civis, insistindo na necessidade de um cessar-fogo. Também França, Reino Unido e Espanha criticaram os ataques.

"Lamentamos e condenamos a oposição do ministro [Bezalel] Smotrich – contra o interesse do povo israelita – a um acordo. Um cessar-fogo é a única forma de pôr fim à matança de civis e garantir a libertação dos reféns", acrescentou Borrell no X. Em causa uma publicação nas redes sociais do ministro das Finanças israelita, de extrema-direita, que disse que a proposta de cessar-fogo promovida pelos EUA era "um acordo de rendição".

susana.f.salvador@dn.pt

Ali Sistani alerta para escalada

O principal clérigo muçulmano xiita do Iraque, o *ayatollah* Ali Sistani, alertou ontem para o risco de uma escalada regional, com potenciais "consequências catastróficas", após o assassínio do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, e do líder militar do Hezbollah, Fuad Shukr. Dois grupos apoiados pelo Irão e que fazem parte do chamado "eixo da resistência", que inclui também grupos de resistência iraquianos e os houthis, do Iémen. Sistani também pediu o fim da "guerra genocida" na Faixa de Gaza, criticando ataque contra a escola que fez quase 100 mortos. "Mais uma vez o exército de ocupação israelita cometeu um enorme massacre... somando-se à sua série de crimes em curso" em Gaza, disse Sistani numa rara declaração desde o início da guerra, que já dura há 10 meses.


EPA/MINISTÉRIO DA DEFESA RUSSO/HANDOUT

Rússia envia reforços para a região, após lançar uma "operação antiterrorista".

Zelensky admite operação que "empurra a guerra para território do agressor"

UCRÂNIA Russos retiraram mais de 76 mil pessoas da zona fronteiriça de Kursk devido à incursão e alertam do risco para a central nuclear.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, admitiu ontem pela primeira vez a responsabilidade de Kiev na recente ofensiva na região russa de Kursk, falando numa operação que "empurra a guerra para território do agressor". A confirmação surge depois de a Rússia ter admitido a retirada de mais de 76 mil pessoas das regiões fronteiriças e ter lançado uma "operação antiterrorista" na área, que dá às forças de segurança e aos militares amplos poderes de emergência.

Moscovo foi surpreendido pela incursão ucraniana na terça-feira, que permitiu às tropas avançar pelo menos 20 quilómetros em território russo. Apesar de ter respondido rapidamente, a Rússia ainda não conseguiu fazer recuar os ucranianos e ontem alertou que os combates são uma "ameaça direta" a uma central nuclear localizada a cerca de 50 quilómetros da frente.

Até ontem, Kiev mantinha o silêncio sobre a operação. Mas, na sua intervenção diária, Zelensky acabou por a confirmar. O presidente disse que tinha recebido do chefe das Forças Armadas ucranianas, Oleksandr Syrsky, "vários relatórios da frente" referente às ações que "empurram a guerra para o território do agressor".

Zelensky agradeceu a todas as unidades das Forças de Defesa ucranianas que estão a permitir que isto aconteça – sem dizer quantas estão envolvidas. Não é claro o número de tropas no terreno. "A Ucrânia está a provar que pode realmente trazer justiça e garantir exatamente o tipo de pressão que é necessário – pressão sobre o agressor", concluiu.

Alguns alegam que o objetivo da Ucrânia é ganhar alguma margem de manobra em eventuais negociações de paz após as presidenciais norte-americanas – Kiev está principalmente preocupado com a possibilidade de o republicano Donald Trump ganhar, já que este disse que acabaria com a guerra – não se sabe é em que condições.

> "A Ucrânia está a provar que pode trazer justiça e garantir exactamente o tipo de pressão que é necessário – pressão sobre o agressor", disse Zelensky.

Segundo os russos, que apelidam a incursão ucraniana de "ataque terrorista", a Ucrânia agiu numa "tentativa sem precedentes de desestabilizar várias regiões" do país. Na sexta-feira à noite, os russos anunciaram o lançamento de "operações antiterroristas nas regiões de Belgorod, Bryansk e Kursk" para "garantir a segurança dos cidadãos e suprimir a ameaça de atos terroristas por grupos de sabotagem inimigos". Para os analistas, isso demonstra a gravidade da situação.

Segundo a legislação russa, durante as chamadas operações "antiterroristas", as forças de segurança e os militares têm amplos poderes de emergência. Nesse período, a liberdade de circulação é restringida, os veículos podem ser confiscados, as chamadas telefónicas são monitorizadas, há postos de controlo e a segurança é reforçada nas principais infraestruturas. **Com AGÊNCIAS**

Illa compromete-se a "unir" a Catalunha. Puigdemont avisa: "o *procés* não acabou"

ESPANHA Socialista já é presidente da Generalitat, pondo fim a 14 anos de governos independentistas.

O presidente da Generalitat, Salvador Illa, comprometeu-se ontem a "unir" os catalães, respeitando a sua pluralidade e diversidade, face ao avanço de "abordagens divisionistas, demagógicas e populistas" que põem em risco a coexistência e a "unidade civil" da Catalunha. Horas depois, desde Waterloo, na Bélgica, o ex-líder do governo catalão Carles Puigdemont avisou num vídeo publicado no X que "o *procés* não está terminado", referindo-se ao processo independentista.

"O meu principal objetivo é governar o melhor que puder para todos", disse Illa. "A instituição pertence a todos os catalães e a instituição deve servir todos os catalães", acrescentou. O socialista é o 133.º presidente da Generalitat, instituição com origens ao século XIV, sendo o primeiro não independentista em 14 anos.

Cinco ministros espanhóis estiveram na cerimónia de posse, no salão Sant Jordi, no Palácio da Generalitat, assim como quatro ex-líderes catalães – Jordi Pujol, José Montilla, Artur Mas e Quim Torra – e o antecessor de Illa, Pere Aragonès. No discurso, o socialista Illa destacou a "responsabilidade exemplar" de Aragonès na passagem de testemunho.

Desde a Bélgica, para onde voltou após ter discursado em Barcelona no dia da investidura de Illa, Puigdemont deixou claro que o *procés* não acabou. "O processo de independência acaba com a independência. Acabou-se uma determinada fase e abre-se uma nova etapa, com condições diferentes", alegou, reconhecendo que o cenário atual não é o mais favorável, mas é "fruto de decisões legítimas".

Puigdemont explicou ainda porque não foi à investidura de Illa, como tinha prometido ir. "Tentar aceder ao Parlamento teria representado uma detenção garantida e não ter a mínima possibilidade de discursar na câmara, que era o meu objetivo. Teria sido equivalente a uma entrega voluntária para que a minha detenção fosse efetiva", indicou. Sob o ex-líder pesa um mandado de detenção por peculato.

Puigdemont recorda que nunca quis entregar-se "a uma autoridade judicial que não é competente" e que "não tem interesse em fazer justiça" – só "fazer política". O ex-líder catalão queixa-se de que é perseguido "por defender o direito à autodeterminação" e insiste que lhe seja aplicada a lei da amnistia. **S.S. COM AGÊNCIAS**


JOSEP LAGO / AFP

Salvador Illa aplaudido pelo antecessor, Pere Aragonès.



Análise
Germano Almeida

"Minnesota Nice"

Kamala Harris escolheu o lado afetivo e optou por um *ticket* "boa onda". Seria mais previsível optar pela competência sóbria e efetiva de Josh Shapiro, o governador do mais relevante Estado indeciso do Midwest, a Pensilvânia: dava-lhe mais tração ao centro, aumentava probabilidades de vencer num *must win state* para as contas democratas e reforçava o peso político do dueto democrata.

Mas não: a candidata presidencial democrata preferiu a surpresa e escolheu Tim Walz. Menos político, sem pretensões reais de ser, ele próprio, candidato a presidente (ao contrário do que aconteceria se a escolha tivesse recaído em Shapiro, Buttigieg ou mesmo Kelly), Tim oferece a Kamala o caso de uma campanha solar, em contraste com a perspetiva sombria de voltar a estar Trump na Casa Branca – desta vez com J. D. Vance como número dois e um profundo desejo de vingança depois da derrota nunca assumida de 2020.

Com esta jogada inesperada Harris prolongou o momento positivo que tem dominado a sua campanha-relâmpago no pós-desistência de Joe Biden. A energia, a mobilização, a alegria: três noções-chave para percebermos o que terá levado Kamala a enveredar por este caminho nada evidente – pelo menos até ao momento em que aconteceu. Entusiasma a esquerda e não assusta o centro.

Walz é governador de um Estado fortemente democrata, enquanto Josh lidera a Pensilvânia, talvez o mais relevante de todos os *swing states*. Tim terá sido escolhido por uma história de vida muito singular e diversificada. Foi professor, treinador (Kamala até o trata por "Coach"), membro da Guarda Nacional do Exército durante um quarto de século. Foi eleito para o Congresso estadual do Minnesota num distrito congressional profundamente rural e republicano. E foi, claro, o autor da frase que até agora mais tem energizado a base democrata por Kamala e contra Trump, ao apelidar Donald e J. D. Vance de "tipos estranhos" (*weird dudes*).

Um tipo normal e muito sorridente

Walz era o *underdog* na final a três para o posto de vice-presidente. Josh Shapiro era o favorito, Mark Kelly a alternativa. Walz foi a escolha porque junta o melhor dos dois (é forte no eleitorado Midwest e tem credenciais militares) e porque será o democrata do Midwest que melhor chega ao americano comum. Comunica muito bem, tem um estilo afável e próximo.

Kamala gostou que ele, na entrevista final, tivesse falado em "alegria" ao referir-se à forma como via a possibilidade de embarcar numa candidatura presidencial democrata que possa obter uma maioria que trave o regresso de Trump. Os democratas veem em Walz a prova de que é possível perceber-se a América rural, profunda e pouco qualificada sem ter que ser hostil, zangado e divisivo, como têm sido Trump e J. D. Vance.

Tim Walz tem 60 anos, mas só duas décadas de vida política. Nesta fase de crítica "aos políticos de Washington, DC", não ter um percurso político muito longo não é assim tão comprometedor. Até pode ter as suas vantagens. O resto é mérito de Tim e do seu temperamento adorável: afetuoso, versátil, com uma voz marcante e um ar de *big dad energy* – um pai carinhoso e cheio de energia, capaz de prolongar o caminho de mobilização da base democrata.

O governador do Minnesota junta características aparentemente contraditórias, mas potencialmente interessantes para a estratégia Harris até 5 de novembro: durante 12 anos foi um congressista estadual no Minnesota com um posicionamento moderado e capaz de chegar ao eleitorado republicano em temas como legitimidade de posse de armas (respeito pela Segunda Emenda) e prioridade aos temas das zonas rurais do Estado; mais recentemente, coloca-se na ala progressista, mas mantendo boa ligação ao centro moderado do Partido Democrata (Obama, Bill Clinton, Hillary Clinton e Joe Biden mostraram-se muito entusiasmados com a escolha de Walz). Kamala chama-lhe "Coach Walz" e lembra nos comícios que Tim foi eleito pelos seus alunos como "o mais inspirador de toda a faculdade".

"Minnesota Nice" é estereótipo aplicado ao comportamento das pessoas do Estado governado por Tim. Significa que os residentes são extraordinariamente corteses, reservados e educados, em comparação com pessoas de outros Estados e mais parecidos com os seus vizinhos canadianos do Norte de Ontário. A expressão também aponta para uma aversão ao confronto e ao ruído. A tal "América positiva" que Kamala quer fazer contrastar com a "Carnificina Americana" que Trump propalou no seu discurso de posse, a 20 de janeiro de 2017.

O que está em causa nos Estados decisivos

Para compreendermos como serão mesmo detalhes a decidir esta eleição convém recuperar o que se passou nos sete Estados decisivos nas últimas duas eleições.

No Arizona, em 2020, Biden ganhou por apenas 10.500 votos. Em 2016, Trump ganhou a Hillary nesse Estado por 89 mil votos. Quanto à Geórgia, Joe Biden venceu em 2020 por 10.800 votos, sendo que quatro anos antes Trump bateu Hillary Clinton por 210 mil sufrágios.

Já no Nevada, em 2020 Biden ganhou por 34 mil votos, num Estado onde, em 2016, Hillary venceu por ainda menos: 27 mil apenas.

A Carolina do Norte não parecia estar nestas contas: em 2020, Trump venceu o Estado com 74.500 votos, bem menos do que tinha acontecido em 2016, quando Donald bateu Hillary na Carolina do Norte por 173 mil votos. Mas Kamala tem encurtado distâncias nesse Estado.

> "Os democratas veem em Walz a prova de que é possível perceber-se a América rural, profunda e pouco qualificada sem ter que ser hostil, zangado e divisivo, como têm sido Trump e J. D. Vance."

Vejamos, então, os três Estados da Rust Belt – os tais que bastarão a Kamala vencer para garantir a eleição, independentemente dos resultados dos outros quatro, desde que não perca qualquer dos Estados habitualmente democratas.

No Michigan, há quatro anos, Biden bateu Trump por 155 mil votos. Há oito, Trump bateu Hillary por apenas 10.700 votos. Já no Wisconsin, em 2020 Biden ganhou a Trump por apenas 20 mil votos; Trump ganhou a Hillary em 2016 por 22.500 votos.

E, finalmente, a Pensilvânia – o Estado onde Kamala e Walz apareceram juntos pela primeira vez e iniciaram o *tour* dos Estados decisivos (com Wisconsin e Michigan nas 24 horas seguintes): em 2020, vitória de Biden por 81 mil votos; em 2016, Trump ganhou por 45.500 votos.

Kamala em claro crescimento

A democrata passou para a frente no voto popular (45%-43% sobre Trump, com 2% para Kennedy e 1% para Stein), o que acaba por ser normal (desde 1992, só por uma vez, na reeleição de Bush filho, o candidato presidencial republicano teve mais votos que o candidato presidencial democrata).

Só que isso não nos diz quem vai ser eleito: uma diferença de dois pontos percentuais a favor dos democratas no voto popular está na linha de total indefinição sobre quem vai mesmo à frente [Hillary ganhou o voto popular em 2016 por +2,4% e não foi eleita; Biden ganhou o voto popular em 2020 por +4,5% e foi eleito por uma grande vantagem no Colégio Eleitoral (306-232)).

Interessa por isso saber como estão as coisas nos Estados decisivos (com base nos últimos dados do *Silver Bulletin* de Nate Silver). Ligeira vantagem de Kamala na Pensilvânia (45,7%/44,6%), no Nevada (44,6%/42,6%), no Wisconsin (46,3%/44,3%); ligeira vantagem de Trump na Geórgia (46,0%/45,0%), no Arizona (44,3%/44,0%) e na Carolina do Norte (45,9%/44,0%). Vantagem mais robusta de Kamala no Michigan (45,0%/42,4%).

Especialista em política internacional.



Opinião

Zuhair Alharthi

O poder do diálogo inter-religioso num mundo fragmentado

Como secretário-geral da única organização intergovernamental com a missão de utilizar o diálogo inter-religioso para promover o desenvolvimento sustentável, frequentemente converso com líderes globais sobre o aproveitamento do poder da religião para resolver crises globais.

O panorama geopolítico moderno está repleto de desafios que nenhum governo consegue gerir sozinho. Não só estamos a viver as consequências de uma pandemia global como enfrentamos os impactos intensificadores das alterações climáticas e uma crise económica devastadora. Além disso, estamos a lidar com o maior número de conflitos violentos desde a Segunda Guerra Mundial.

No mês passado, a *Peoples' Climate Vote 2024*, o maior inquérito de opinião pública sobre as alterações climáticas, revelou que 86% das pessoas a nível global exigem que os seus governos deixem de lado as diferenças geopolíticas e enfrentem as mudanças climáticas. Este consenso esmagador emerge através de sentimentos nacionalistas crescentes e de tensões geopolíticas em ascensão.

Simultaneamente, estima-se que 120 milhões de pessoas em todo o mundo – quase o dobro comparativamente há uma década – estejam deslocadas à força devido a perseguições, conflitos e violência. Na Europa, onde o KAICIID tem a sua sede, os pedidos de asilo atingiram recordes desde a crise dos refugiados de 2015. Milhões fugiram de conflitos no Afeganistão, Gaza, Síria e Ucrânia, entre outros.

Esta tendência alarmante tem implicações profundas para a dignidade humana e a construção de cidades inclusivas. O deslocamento forçado exerce uma pressão imensa nas infraestruturas urbanas, frequentemente resultando num nível de habitação sobrelotada, serviços públicos sobrecarregados e tensões sociais acumuladas. As cidades, tradicionalmente vistas como bastiões de oportunidade, estão agora na linha da frente da integração de populações deslocadas, mantendo ao mesmo tempo a coesão social.

Durante as minhas discussões com algumas das figuras mais proeminentes nas sociedades uma ideia ficou clara: a quebra no multilateralismo, evidente nas respostas fragmentadas às crises globais, exige uma revitalização da cooperação internacional com um compromisso central na dignidade humana. Qual é a ferramenta mais eficaz que temos para alcançar isto? O diálogo transformador.

As agendas de desenvolvimento global apelam a um mundo que prospere com igualdade, justiça e gestão ambiental. No entanto, alcançar estas ambições requer mais do que vontade política e investimento financeiro; exige uma transformação nos corações e mentes dos indivíduos e comunidades ao redor do mundo.

O diálogo motiva os decisores políticos e líderes religiosos a enfatizar a nossa humanidade comum como base para o desenvolvimento sustentável e a construção da paz. Este reconhecimento é crucial para criar processos de formulação de políticas inclusivas que envolvam todos os segmentos da sociedade, incluindo comunidades marginalizadas.

O diálogo pode mitigar muitas das ameaças à paz sustentável, incluindo a sensação de que as queixas não são atendidas e resolvidas, a continuação das violações dos direitos humanos, especialmente contra grupos minoritários, e a falta de apoio psicológico na recuperação pós-conflito.

No entanto, o diálogo vai além da mediação e resolução de conflitos. Também apoia comunidades afetadas pela desconfiança e polarização. Em vez de excluir identidades, expande a confiança e a construção de relações. Desta forma, o diálogo transformador abrange princípios universais dos direitos humanos, garantindo a inclusão de vozes frequentemente marginalizadas, como as de mulheres, jovens e minorias.



As agendas de desenvolvimento global apelam a um mundo que prospere com igualdade, justiça e gestão ambiental. No entanto, alcançar estas ambições requer mais do que vontade política e investimento financeiro; exige uma transformação nos corações e mentes dos indivíduos e comunidades ao redor do mundo."

O nosso foco nas implicações espirituais e éticas do desenvolvimento sustentável traz uma profundidade única ao discurso, frequentemente ausente em conversas totalmente seculares. Ao envolver líderes e comunidades religiosas, pretendemos facilitar um diálogo mais amplo e inclusivo que aproveite a liderança moral e ética para impulsionar a mudança. Isto garante que a sustentabilidade não seja apenas um objetivo técnico, mas um compromisso social profundamente enraizado.

Nenhuma outra força está mais profundamente intrínseca na consciência coletiva humana do que a religião e a espiritualidade. A religião informa as preferências e identidades individuais de 85% da população mundial, o que, por sua vez, impacta as normas institucionais e sociais em todo o mundo.

Uma vez ignorada ou subestimada a influência profunda e o papel da religião – e, portanto, do diálogo inter-religioso –, os líderes globais diminuem o seu tremendo potencial para contribuir para mudanças económicas, geopolíticas, culturais e sociais positivas.

Ao continuar a envolvermo-nos em diálogos transformadores, capacitamos nós mesmos e os outros a tomar decisões informadas e compassivas que beneficiem todos. Devemos percorrer juntos o caminho para a harmonia global com coragem e dedicação inabalável à dignidade humana.

Secretário-geral do Centro Internacional para o Diálogo – KAICIID.



Treinador está na terceira época como treinador do Benfica

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

Roger Schmidt “impressionado” com Sanches e com saudades de Neves

BENFICA O treinador alemão afirma que a sua equipa está preparada para a estreia com o Famalicão. “Vejo uma energia positiva e um compromisso forte dos jogadores”, disse.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Roger Schmidt assumiu este sábado que vê um maior “equilíbrio” no plantel do Benfica que tem à sua disposição, comparativamente ao que teve na temporada passada. “Na época passada tivemos alguns problemas com essa falta de equilíbrio. Houve dificuldades com os laterais, mas agora temos Bah e Beste, e isso vai dar-nos uma maior solidez em campo”, assumiu o treinador alemão na véspera do primeiro jogo oficial da época, este domingo à tarde (18.00 horas, SportTV) em Famalicão, a contar para a 1.ª jornada da I Liga.

O treinador dos encarnados referiu ainda que “os objetivos estão mais nítidos”, realçando ainda a contratação de Leandro Barreiro para o meio-campo, mas também “outros jovens que se juntaram ao plantel”. “Vejo uma energia positiva, qualidade nos treinos e um compromisso forte por parte dos jogadores”, sublinhou, garantindo que o objetivo é “jogar futebol ofensivo com intensidade elevada”. E nesse sentido espera ver no arranque do campeonato “tudo o que foi desenvolvido na pré-época”.

A iniciar a terceira época como treinador do Benfica, Roger Schmidt não escondeu a satisfação pela permanência de Ángel Di María e o regresso de Renato Sanches, mas fez questão de lamentar a saída de João Neves. “Infelizmente o João saiu. Gostamos muito dele como jogador e como pessoa, mas o futebol é assim. Sabíamos que, muito provavelmente, teríamos que fazer uma transferência importante, esperámos pelo mercado e depois o João decidiu sair. Vamos ter saudades, mas faz parte do futebol”, disse, sublinhando que “as boas notícias são que o António continua”.

> A iniciar a terceira época como treinador do Benfica, Roger Schmidt não escondeu a satisfação pela permanência de Ángel Di María e o regresso de Renato Sanches, mas fez questão de lamentar a saída de João Neves.

Já sobre Renato Sanches, Schmidt admitiu conhecer “o seu passado” no que diz respeito a lesões, mas deixou a certeza de que as suas primeiras impressões “foram muito boas”. “Gosto da atitude, pois é uma pessoa que trabalha arduamente”, sublinhou, adiantando que há a necessidade de “o preparar fisicamente”, embora tenha garantido que “está pronto para ajudar”. “Perdemos um jogador, mas tivemos cuidado com o nosso orçamento e conseguimos trazer de volta um jogador que já cá esteve. Estou muito satisfeito com isso.”

Quanto a Di María afirmou ser um jogador que dá à equipa “muita qualidade e uma mentalidade vencedora”. “Estou muito satisfeito com a sua atitude e mentalidade, que vai contribuir para o Benfica. Chegou de férias, mas trabalhou muito individualmente. Pode não estar nas condições ideais, mas nas próximas semanas o objetivo é fazer com que os jogadores estejam todos bem”, assumiu.

Roger Schmidt recordou depois o rendimento de Di María na época passada para considerar um “bom exemplo” daquilo que espera para Renato Sanches. “O Ángel jogou o maior número de minutos na época passada e também chegou ao Benfica após uma época com lesões e pouco ritmo. Por outro lado, é verdade que tivemos uma experiência na qual, infelizmente, não tivemos sorte. Estou ciente da situação do Renato, sabemos perfeitamente que nem sempre conseguiu estar em condições e apto nos últimos tempos, sabemos do risco, mas confiamos no nosso departamento médico, na nossa equipa e na motivação do Renato”, sublinhou, garantindo que o internacional português é “um jogador que impressiona”, pois “não estava à espera de vê-lo ao nível que tem demonstrado durante os treinos. Sei que vai ser um jogador muito importante para nós”, vaticinou.

O treinador do Benfica abordou ainda a possibilidade de o extremo David Neres rumar ao Nápoles. “Não sei se as partes já chegaram a acordo”, recusando dizer se o brasileiro irá ser opção.

Sobre o onze a utilizar em Famalicão escondeu o jogo. “Quando analisarem a nossa pré-época, dá para perceber que os titulares escolhidos estiveram sempre bem. Claro que há potencial para existirem certas alterações, mas é óbvio que não vou mudar tudo”, explicou, deixando antever que irá manter a mesma equipa, até porque “os jogadores que estiveram na pré-época jogaram bem”. “Estou satisfeito com todos os jogadores”, sublinhou. Neste sentido, Schmidt garantiu que a sua equipa está “pronta para começar” a I Liga. “O estado de espírito, o foco e a concentração nos treinos foram muito bons. Já testámos vários sistemas táticos, pois foi uma pré-época longa e agora precisamos de competir”, vincou, admitindo que “jogar com o Famalicão será uma tarefa difícil”, até porque “causaram problemas nos últimos anos”. Certo é que para esta partida o treinador alemão não irá contar com Rollheiser e Schjeldrup, que continuam a recuperar de lesões.



EPA/ANDY RAIN

Bernardo Silva marca na vitória do Manchester City na Supertaça

O Manchester City colocou ontem um ponto final em três derrotas consecutivas e conquistou a sua sétima Supertaça inglesa de futebol ao bater o Manchester United nos penáltis (7-6), após 1-1 nos 90 minutos. Numa prova em que não há prolongamento, tudo foi decidido nas grandes penalidades. O City começou pior, com Bernardo (que tinha marcado no tempo regulamentar) a ver o seu remate detido por Onana, mas acabou melhor, pois não falhou mais nenhum, enquanto Jadon Sancho viu o seu remate desviado por Ederson e Jonny Evans atirou por cima da baliza. Do lado do City jogaram Rúben Dias, Matheus Nunes e Bernardo Silva, enquanto no United estiveram em campo Diogo Dalot e Bruno Fernandes.

BREVES

Fernando Gomes discute em Paris o Mundial 2030

O presidente da FIFA, o suíço Gianni Infantino, e o presidente da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), Fernando Gomes, reuniram-se ontem em Paris, à margem dos Jogos Olímpicos, para falarem da candidatura ao Mundial 2030, segundo fonte federativa. De acordo com a mesma fonte da FPF, Infantino e Gomes juntaram-se na capital francesa, tendo a candidatura ibero-marroquina a acolher o Campeonato do Mundo de 2030 sido um tema abordado. O projeto dos três países foi entregue em mãos ao presidente da FIFA no passado dia 29 de julho, nas novas instalações da FIFA na capital francesa.

Basquetebol sub-18 feminino perto do Mundial

Portugal venceu ontem a Bélgica por 77-61 no Campeonato da Europa feminino de basquetebol de sub-18, que decorre em Matosinhos, e está a uma vitória de garantir o acesso ao Mundial de sub-19. Hoje defronta a Hungria numa luta para alcançar o melhor lugar de sempre no Europeu (quinto), bem como garantir o acesso ao Mundial de sub-19, que se vai realizar em 2025 na República Checa. "Vai ser um grande jogo. Espero casa cheia. Precisamos do apoio de todos. Portugal foi uma vez ao Mundial e chegar lá é uma coisa fantástica", declarou o selecionador nacional, Agostinho Pinto.

Peter Frankopan

"Das sete grandes mudanças de regime imperial na China, todas ocorreram num contexto de mudança climática"

HISTORIADOR Famoso pelo livro *As Novas Rotas da Seda*, o britânico Peter Frankopan publicou agora *A História do Mundo – Do Big Bang até aos dias de hoje* (Crítica), em que a história natural e a dos seres humanos se entrecruzam, como no episódio, contado nesta entrevista, do vulcão do Alasca que afetou colheitas no Egito e ajudou à expansão de Roma.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA,** FOTO **PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS**

Neste seu livro fala sobre história, mas sobretudo como a natureza afeta a história humana. Olhando, por exemplo, para o Império Romano, que existiu durante muitos séculos e incluiu territórios em três continentes, é possível ver na sua história, e estou a falar também do período da República, os resultados dessa complexa relação entre a ação humana e a natureza?

Vou dar-lhe um exemplo. Roma era uma cidade importante no Mediterrâneo Ocidental já no tempo da República. Foi bastante bem-sucedida militarmente contra todos os seus vizinhos e construiu sob Júlio César efetivamente um extenso império em tudo menos no nome, mas o momento mais importante de transformação de Roma veio com a conquista do Egito. O Egito é o celeiro de todo o Mediterrâneo. E a forma como aconteceu a integração no Império Romano é uma história ambiental. Depois da morte de Júlio César em 44 a.C., os assassinos tiveram de ser perseguidos e capturados. Apesar da impopularidade de Júlio César, a justiça tinha que ser feita. Depois, seguiu-se a guerra civil entre os seus herdeiros. Alguns meses depois do assassínio de Júlio César, houve uma erupção vulcânica no Alasca. As erupções vulcânicas colocam muito material na atmosfera. Podem bloquear os raios solares, de modo que a fotossíntese se torna mais fraca e também o enxofre reage com a humidade da atmosfera e esta reflete uma parte da radiação do Sol de volta ao espaço. Normalmente o que acontece é que há falhas nas colheitas, mesmo muito longe. E temos muitas fontes que nos dizem que nesse ano no Egito a colheita foi muito má, o Nilo não inundou adequadamente, houve tempestades incomuns, o Sol estava muito fraco no céu, as pessoas não conseguiam perceber por que não estava tão quente como era habitual. Claro, se tudo resultou de um vulcão longínquo, como poderiam saber? E o que acontece, como é totalmente previsível, é que há menos comida, os preços sobem. À medida que os preços sobem, os especuladores aumentam ainda mais o preço, e por aí fora. De repente, o Egipto torna-se altamente instável. Cleópatra, que é uma governante incrivelmente talentosa, fala oito línguas, faz o que qualquer governante bom e sensato faria naquela situação: aliar-se aos romanos. E aposta em Marco António, que é o queridinho das legiões, é também o mais maduro e experiente, em comparação com Lépido e sobretudo Otávio, os outros envolvidos na guerra civil. Mas a aposta que faz acaba por ser má. De início, obtém garantias territoriais e consegue mesmo a expansão do Egito para a Galileia e a Judeia. O maior problema que Cleópatra tinha durante aquela crise não era ser uma mulher, ser uma rainha, mas sim ser descendente de generais gregos. E estes generais não se casaram com as elites egípcias. Assim, em tempos de problemas, de disputas e de escassez económica, os egípcios diziam não querer que estrangeiros os liderassem. Cleópatra faz essa aliança com o general romano e o que acontece quando tudo corre mal é que ela e Marco António morrem em Alexandria. E Otávio assume o controlo do Egito, porque os egípcios não conseguem concordar entre si sobre quem deve ser o seu próprio governante depois de Cleópatra. Então escolhem Otávio, que volta, já senhor do celeiro do Mediterrâneo, para Roma, onde o Senado diz: "parabéns, vamos dar-lhe um novo título, porque agora teremos comida ilimitada a custo mínimo, é o título de Augusto", que significa abençoado, ou até, diria, sortudo. E é assim que o Império Romano realmente se torna um Império. Já não apenas um Império em tamanho mas também em nome. Assim, o poder de *imperator*, dado a Otávio Augusto, ou Augusto como é chamado hoje, transforma Roma numa enorme potência global. E isto não apenas pela integração do Egito, com os seus cereais, mas por iniciar-se uma nova era. Por exemplo, o comércio para o Oceano Índico abre perspetivas de novas riquezas, chegam especiarias, etc., o que muda Roma completamente. E quando Augusto morre, põem no seu túmulo, que ainda hoje se pode ver, as palavras "encontrei Roma em tijolo, deixei-a em mármore". Podemos comprovar pelos vestígios arqueológicos que Roma, de repente, se tornou imensamente rica, com a nova elite a construir palácios enormes.

> *"Cleópatra, que é uma governante incrivelmente talentosa, fala oito línguas, faz o que qualquer governante bom e sensato faria naquela situação: aliar-se aos romanos."*

Um vulcão no Alasca mudou a história de Roma?

Não aconteceu tudo por causa de um vulcão, mas o colapso ambiental e a pressão que este exerceu sobre o Egito forçou as opções políticas de Cleópatra, que abriram oportunidades que Roma nunca tinha tido antes. Por exemplo, poucas décadas depois houve a famosa erupção do Vesúvio, muito dramática para quem vivia em Herculano ou Pompeia, mas que climatologicamente teve muito pouco impacto, em parte porque o que importa com um vulcão não é apenas quão poderoso é, mas qual a latitude na curva da Terra, também em que época do ano entra em erupção, e ainda que outros fatores estão a influenciar o clima. Na verdade, o que é muito interessante é que a partir daquele momento, daquela erupção do vulcão do Alasca, chamado Okmok, durante 250 anos o clima do Mediterrâneo foi muito, muito estável. Para Roma, durante três séculos, foi possível prever mais ou menos de forma exata que colheita iria produzir, exatamente quais seriam as receitas e despesas, e isso evitou crises.

Quando é que começa a correr mal? Em meados do século III. De repente, temos cerca de 50 pessoas a tentarem tornar-se imperador no espaço de 30 anos. Temos um caos total, porque quando os preços sobem e há escassez, há instabilidade. Portanto, os romanos não foram apenas bons soldados, não foram apenas bons legisladores, não foram apenas bons na gestão do Estado, foram também extremamente sortudos do ponto de vista ambiental. Então este exemplo do impacto do vulcão é um bom exemplo da ação da natureza. No caso de Roma, estou interessado, claro, nos imperadores, mas sobretudo para mim, e isto é um segundo exemplo, o mais interessante é pensar no Império Romano como um todo, sobre as refeições que eram cozinhadas todos os dias para os milhões e milhões de habitantes, e como isso exigia calor. Também cada pedaço de vidro, ou cada lança, espada e escudo feito de metal precisava de calor. Então, qual era o preço da energia para a produção de alimentos e de metal e vidro no Império Romano? Se cortaram as árvores perto de Roma, de onde vieram as árvores que permitem essa geração de calor? E isso faz pensar em sustentabilidade. Quão bem as florestas foram protegidas? Até que ponto



“Num período de cerca de 15 anos cai mais chuva do que em qualquer outro período em 2000 anos e isso transforma as pastagens onde os mongóis criam os seus cavalos.”

as pessoas entendiam que tinham que gerir os seus fornecimentos? Os preços subiam e desciam? Como é que a madeira era trazida todos os dias para Roma, uma cidade com talvez meio milhão de habitantes? Acho que ambiental e ecologicamente precisamos pensar sobre como essas cidades, como esses impérios, funcionavam, não apenas em termos de relações entre humanos, mas em termos das suas capacidades de exploração do mundo natural. Há muitos autores que escrevem no Império Romano, como fizeram na Grécia antiga e noutras partes do mundo, preocupados com o facto de a desflorestação por seres humanos levar à erosão do solo e a mudanças nos padrões de precipitação.

Saltando para o momento da queda do Império, pelo menos da parte ocidental do Império, com as tribos bárbaras a descerem sobre Roma. O famoso ano 476, o da queda do último imperador, é especial em termos de clima, há algum evento ambiental digno de relevo?

Tenho colegas historiadores que não falam uns com os outros porque discutiram um dia sobre quando o Império Romano do Ocidente caiu. Alguns dizem 410, alguns dizem 476, alguns dizem 376, alguns dizem 527. É, digamos, uma longa, longa história de polémica. A questão é que, na queda do Império do Ocidente, o que é mais interessante é percebermos que se quebrarmos uma parte da cadeia, todo o sistema se quebra. Assim, na verdade, a história da violência, da invasão das tribos bárbaras, não é uma realidade comprovada pelo registo arqueológico. Na verdade, vemos pessoas, por exemplo como os hunos e outros povos tribais, a instalarem-se na Hungria e, muito rapidamente, adotam práticas locais para a agricultura e para a vida quotidiana, e os habitantes que já lá estavam adotam, por seu lado, práticas hunas. O que é interessante é que quando temos cidades que funcionam bem, com conexões entre elas, uma infraestrutura criada pelo Império, se quebrarmos uma parte, quebramos tudo. A razão da queda do Império do Ocidente foi que começaram a ser perdidas partes do Império. É curiosamente muito semelhante a que aconteceu no mundo Maia na Meso-América, onde havia muitas cidades mais ou menos independentes umas das outras, mas que comercializam estreitamente. Se uma delas quebrasse por causa de uma pandemia, exaustão do solo ou qualquer outro problema, o todo ficava em risco. Por exemplo em Tikal, na atual Guatemala, provavelmente uma das ideias para explicar o fracasso do Estado é o calcário usado para pintar os templos. Quando chove, pinga cianeto no sistema de abastecimento de água. Quando o cianeto entra nos reservatórios de água não se percebe. E começa a degradar o cérebro, os vários órgãos, de quem consome a água. E assim os níveis de violência na sociedade aumentam e esta entra em crise. Sabemos por vários exemplos. Portanto, quando uma cidade falha, outras também falham. E a quebra de uma cadeia pode ser fatal, até para impérios.

Mais extenso ainda do que o Império Romano, foi o Mongol, o império terrestre contíguo mais extenso da história. Ia da Coreia à Europa Central. O que explica o sucesso de Genghis Khan e filhos no século XIII?

Para os historiadores, a primeira pergunta é: porquê naquela época? Por que é que os mongóis não construíram um império no século IX? Ou no século VI?

Estamos sempre a falar de um povo muito pequeno, em termos de números. Ainda hoje.

Sim, mas na década de 1180 dá-se o evento pluvial ou de chuva mais significativo na Mongólia em 2000 anos. Num período de cerca de 15 anos cai mais chuva do que em qualquer outro período e isso transforma as pastagens onde os mongóis criam os seus cavalos. Então, é um pouco como um daqueles jogos de computador em que, de repente, temos armas ilimitadas, ou um exército tem tanques ilimitados. De repente, os mongóis têm uma capacidade militar completamente excecional e também a sorte de ter um governante muito carismático chamado Genghis Khan, que é capaz de não usar a violência unicamente de forma agressiva. Consegue de forma muito criativa que as pessoas que conquista venham, como se diz, para dentro da sua tenda. Está constantemente a tentar assimilar as pessoas. Pode-se construir um império assassinando todo a gente, mas normalmente isso não dura muito. Então, o que os mongóis sob Genghis Khan fazem é: usam força brutal em algumas ocasiões. Por exemplo, em Nishapur, onde hoje é o Irão, mataram todos os homens, mulheres, crianças e até os cães. Fazem isso em algumas ocasiões. Merv, onde hoje é o Turcomenistão, foi quase completamente desmantelada e, numa época antes da dinamite, é incrível que se possa arrasar uma cidade assim. Portanto, os mongóis usam essa força brutal em alguns lugares importantes, mas depois enviam mensagens a dizer: “quer que aconteça na sua cidade a mesma coisa que aconteceu em Nishapur?”. E normalmente as pessoas nos lugares sob pressão perguntarão “pagaremos mais impostos se vocês nos conquistarem?” Os mongóis dizem que pagarão menos impostos, e que terão acesso a uma zona global unida onde o comércio é facilitado. Algumas pessoas dizem também que “é importante adorarmos os deuses da maneira que queremos”. E perante isso os mongóis desenvolveram rapidamente uma forma muito sofisticada de sublinhar que Genghis Khan teve um tutor judeu. Que sempre esteve muito interessado nos ensinamentos do Islão. Que viveu mais ou menos como um budista. E que amava a fé cristã. Para dizer, afinal, que todos os povos são bem-vindos ao Império Mongol. Combinam punho de ferro com

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

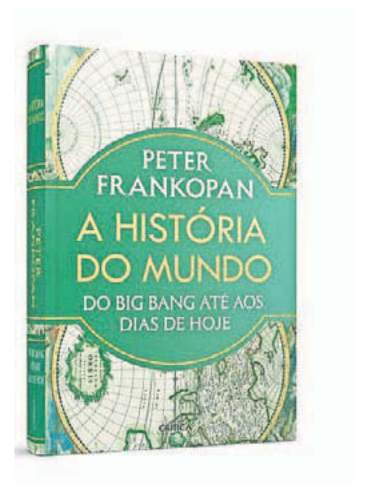
muito veludo. E os mongóis, enquanto constroem o seu império e se expandem com uma rapidez incrível, fazem-no aproveitando os novos recursos que têm à disposição. Naquele mundo unido, que vai da Hungria à Coreia, os bens e as pessoas circulam mais rápido do que nunca. Mas, já agora, sublinhe-se que nas décadas de 1330 e 1340 o que se move mais rapidamente ao longo dessas redes não são bens ou pessoas, são patógenos, por exemplo a Peste Negra, que se origina no Quirguistão. Podemos dizer isso agora a partir dos novos materiais genéticos do Quirguistão, onde os animais que vivem nesses locais de origem da peste são, por razões climáticas, forçados a habitats mais próximos dos humanos para procurar comida. E não se trata apenas dos ratos. Quem leva toda a culpa também são os pássaros. Quando os pássaros comem pessoas ou animais mortos infetados, os excrementos dos pássaros podem depositar peste no solo, o que pode afetar as plantas que também podem se espalhar novamente. Pode ser que coágulos de sangue sejam espalhados dentro do trigo que é exportado. E na década de 1340 a Peste Negra ocorre no Cáucaso e nas terras negras ricas do que hoje é a Ucrânia e os navios que fazem comércio para a frente e para trás começam a trazer para a Europa gotas de sangue infetadas, provavelmente no meio de trigo ou de lã. E também vieram a bordo os ratos infetados.

O que chamamos de Pax *Mongolica* não trouxe apenas liberdade de comércio...

Sim, trouxe grande liberdade de comércio, mas essa *Pax Mongolica* causou igualmente o maior evento de mortalidade na história da humanidade, provavelmente 40% da população na Europa morreu, o mesmo no Médio Oriente, e agora começamos a perceber, através da nova genómica o provável impacto na África Ocidental e na China. Aprendemos que as formas pelas quais estamos hiperconectados, e isso é uma lição bem atual depois do vírus de Wuhan, também são o nosso calcanhar de Aquiles.

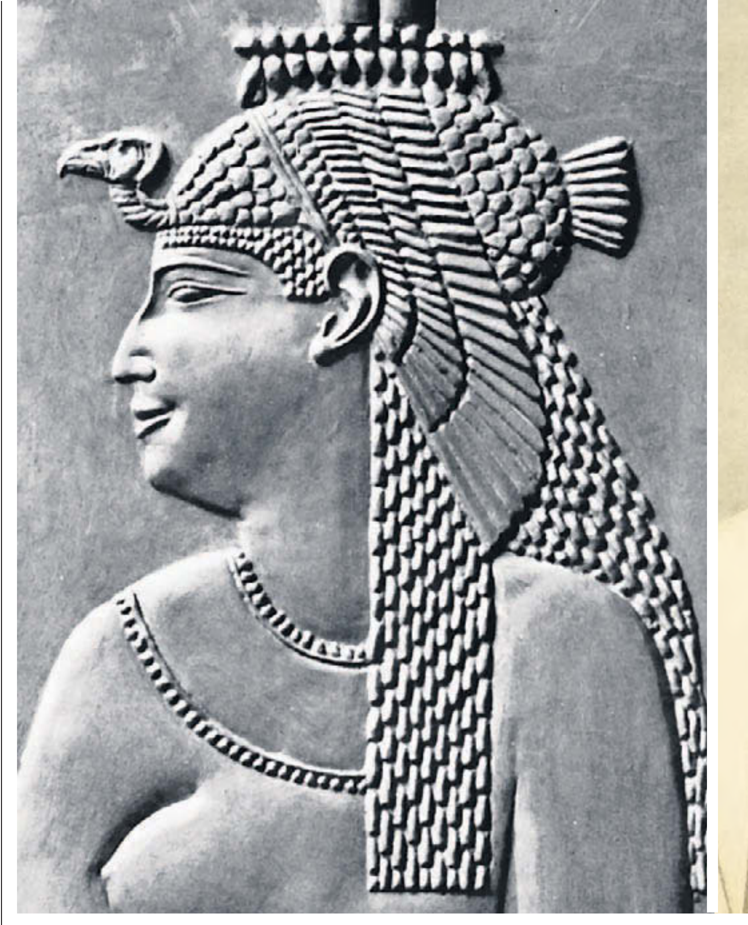
O Império Português foi o primeiro a ser global e, de repente, estão a chegar a Lisboa no século XVI, e a circular pelos quatro continentes pela primeira vez, mercadorias, pessoas e, obviamente, os tais patógenos, que sabemos que foram decisivos na conquista da América pelos espanhóis, outros criadores de um Império Global. Como descreve o impacto das Descobertas?

Finalmente o mundo ficou totalmente conectado. E isso proporcionou grandes oportunidades. Se alguém era rico, conectado e homem, então Portugal nessa época era um ótimo lugar para se viver, pois o retorno dos investimentos era altíssimo. Quando Vasco da Gama regressou da sua primeira viagem à Índia, houve senadores a subirem ao telhado do *Palazzo* em Veneza gritando de horror, dizendo que "Veneza está acabada, Portugal vai agora tirar todos os nossos negócios". Porque os portugueses podiam trazer mercadorias rapidamente e muito mais barato, não apenas porque um navio pode transportar muito mais do que caravanas de camelos, mas também por carregarem diretamente na Índia, o único lugar onde pagavam impostos. Qualquer coisa transportada por terra passava por vários Estados, através de cidades onde os preços continuavam a subir cada vez mais. A importância financeira e política mudou da Europa Oriental, que era a parte mais rica do Mediterrâneo, o que é hoje a Croácia, Itália e Grécia, para o Ocidente, que se tornou a parte mais rica da Europa. A ascensão de Portugal a partir do século XV já vinha de expandir-se ao longo das costas de África. Foi uma tentativa de igualar o poder e a riqueza dos países a oriente. De modo que a ascensão da Europa Ocidental foi realmente importante, mudou tudo o que pensamos sobre a Europa e o próprio mundo além dela. No caso de Portugal, o que as pessoas aprenderam a fazer bem nos 50 anos antes de Vasco da Gama chegar à Índia foi navegar grandes navios em oceanos difíceis e isso é uma habilidade técnica, então precisa de avanços tecnológicos para fazer os seus navios navegarem mais rápido e melhor, mas quando se começa a observar os climas nos séculos XVI e XVII, constata-se que normalmente, consoante a época, os ventos sopram de leste ou de oeste e um navio cobrirá mais quilómetros quando o vento sopra numa direção mais favorável, e isso significa que os custos da viagem são muito mais baratos. Então, no caso de Portugal, o importante era saber qual das épocas produz o melhor vento, e retorno, possível, e também era o que os investidores aqui em Portugal procuravam, porque as mercadorias eram trazidas para Portugal e depois muitas vezes vendidas para norte e leste. E como é que o país lida, a par disso, com o seu vizinho Espanha, que estava sempre à procura de guerra para tentar expandir o seu modelo de negócio para a Europa? E esse mundo de Portugal é aquele que exige habilidades de exploração, elaboração de mapas, mas depois ser capaz de proteger e fortificar locais, normalmente não para impedir a pressão local, mas para competir contra os espanhóis, os britânicos ou os holandeses, num lugar como o Sri Lanka ou em África. O modelo de competição para proteger recursos significa que há então guerras travadas noutras partes do mundo relacionadas com o que está a acontecer nos salões dos reis e rainhas na Europa. E é surreal pensarmos sobre como o mundo foi feito à imagem do Ocidente, e que isso é muito recente em termos globais, há apenas 400 ou 500 anos. Outro impacto das Descobertas foi o comércio de escravos, o comércio massivo de escravos, porque a escravidão não era uma coisa nova, mas de repente estavam a fazer cruzar pela força milhões de pessoas da África para as Américas.



PETER FRANKOPAN
A História do Mundo - Do Big Bang até aos dias de hoje
Crítica
693 páginas
24 euros

"Quando Vasco da Gama regressou da sua primeira viagem à Índia, houve senadores a subirem ao telhado do palazzo em Veneza gritando de horror, dizendo que 'Veneza está acabada'."



Esse tráfico negreiro transatlântico tem um impacto ainda hoje na África e obviamente nas Américas. Qual é o legado mais visível?

Confesso, e por isso o abordei no meu livro, que durante muito tempo não entendia ao ler sobre o comércio de escravos por que razão os portugueses e outros povos que escravizaram os africanos não instalaram as suas plantações de açúcar na África Ocidental. Porque é óbvio que é caro enviar pessoas através do oceano, perdem-se pessoas, perdem-se navios no mar, há que construir os navios, fornecer tripulações, ter infraestrutura no local de destino, onde quer que seja, no Brasil ou noutras partes das Américas. A primeira conclusão é que os europeus, nesse tempo, eram maus a fazer conquistas na África Ocidental, só tinham pequenos fortes em lugares como a Mina.

Por causa das doenças também?

Sim, mas não só pelas doenças. Sobretudo porque a capacidade dos Estados da África Ocidental de se protegerem foi muito alta. Havia feitorias portuguesas, mas eram, como Arguim ou até a Mina, apenas pequenas ilhas num imenso continente. Estamos a falar dos séculos XV e XVI. E sim, o estabelecimento de plantações de escravos em todo o mundo e particularmente nas Américas, é claro, tem legados hoje. Por exemplo, a próxima eleição presidencial americana poderá será decidida em alguns estados, em alguns condados. E as populações não estão lá por acaso. As terras mais valiosas para produzir culturas comerciais, estavam todas na parte sul dos Estados Unidos, no chamado Cinturão Negro, terras negras ricas, e nas Caraíbas, onde se pode cultivar algodão, tabaco e açúcar. Na parte norte dos Estados Unidos, nesses estados onde os americanos se consideram mais liberais, nunca tiveram propriedade de escravos, porque a posse de escravos para cultivar trigo não é tão importante. Mas para um trabalho árduo como o nos campos de algodão era fundamental, então concentraram-se populações de escravizados e seus descendentes em algumas partes dos Estados Unidos e não noutras. E há pessoas que pensam no norte e em partes dos Estados Unidos que são mais liberais e mais instruídos, não é o caso, pois esses legados estão ligados ao que a terra poderia produzir. Um dos temas mais importantes e angus-





De Cleópatra a Vasco da Gama, passando por Genghis Khan, as grandes figuras da história veem as suas ações afetadas pela ação da natureza, que favorecem ou prejudicam.

tiantes da história humana é a maneira como escravizamos uns aos outros para fazer coisas, Tentar fazer as pessoas trabalhar de graça é uma longa tradição e um legado terrível. Muitas das populações bantus da África Ocidental carregam uma mutação genética que fornece resistência à malária, e se uma pessoa for picada por um mosquito infetado não morre. Então os povos dessas regiões tornaram-se muito valiosos e podemos ver que custava mais comprar escravos de lugares como a Serra Leoa e o Benim do que de outras partes da África.

No seu livro, menciona que, nesse momento das Descobertas, os portugueses e espanhóis também sofriam da malária nos seus países. Isso foi um tipo de vantagem sobre os europeus do norte quando os portugueses e espanhóis estavam a tentar colonizar África, Ásia e as Américas?

Claro, nós esquecemos que somos animais e o envelope biológico em que funcionamos faz a diferença. Então, as nossas capacidades de lidar com calor ou doença são diferentes. Isso tem a ver com a exposição das populações às doenças infecciosas ao longo de milhares de anos. A forma como a ciência está a dar novas ferramentas aos historiadores para pensar no passado é impressionante. Mas também esquecemos que a maioria dos primeiros povoadores nas Caraíbas e nas Américas partiu da Europa. Foram pessoas contratadas ao preço do bilhete de viagem por muitos anos, pessoas pobres. Em Barbados, por exemplo, colónia inglesa, até 1670, mais de 80% das pessoas que viviam lá eram brancos. Só depois, nos anos 1680, quando a malária se estabelece nas Caraíbas e nas Américas, as coisas começam a mudar, chegam os escravos africanos. O trabalho desagradável, como nas plantações de açúcar portuguesas, claro, na Madeira, mas também no Brasil, ninguém quer fazer.

A mesma coisa aconteceu no sul dos EUA.

Absolutamente.

Não havia imigração branca em número suficiente para lá.

Absolutamente. Ninguém quer trabalhar em condições duras. A única maneira de fazer isso é através da força.

Mencionou que a parte sul dos EUA é muito rica em termos de terra.

Sim.

Quando olha para os EUA como uma superpotência, o país mais rico do mundo, isso é por causa de vantagens naturais? Por exemplo, além de terra muito fértil, sei que o sistema de rios navegáveis é muito bom. E há mais portos naturais na costa leste do que em toda a África virada para o Atlântico. São as vantagens naturais dos EUA que explicam o grande sucesso do país?

Repare, só tem dois vizinhos, excluindo a Rússia em frente ao Alasca. As fronteiras terrestres são com o México e o Canadá. E não há uma ameaça militar óbvia capaz de surgir de nenhum deles. Outros países têm uma geografia mais complicada. França e Alemanha são historicamente cercadas por competidores. Portanto, isso faz a diferença, a estrutura política ao redor do país.

Os EUA têm também recursos naturais únicos. Por exemplo, o petróleo e o gás natural.

Os EUA têm uma vontade de independência natural. Procuram não ser dependentes de energia em relação a outros lugares do mundo. É um problema quando isso acontece a uma grande potência. Uma das razões por que nós temos esses horrores no Médio Oriente hoje é porque, embora o Império Britânico tenha sido muito bem-sucedido - tinha até um quarto da população do mundo, há 100 anos, como súbdita do seu rei - quase nenhum dos territórios que dominava tinha petróleo. Isso significava que os britânicos tiveram de intervir no Iraque e no Irão para tentar encontrar o petróleo suficiente para suportar a sua indústria, num momento em que o petróleo estava a tornar-se vital. Voltando aos EUA. Os Estados Unidos, no mundo de hoje, vão precisar de matérias como as terras raras, são os novos materiais do século XXI. Um país pode ser autossuficiente por um minuto, mas depois, quando as novas tecnologias mudam, as matérias necessárias podem mudar também. Mas sim os Estados Unidos estão extremamente abençoados com os recursos, não precisam ser dependentes de ninguém, e ainda assim, por causa das vantagens económicas da globalização, deslocalizam trabalhos para partes mais baratas do mundo, e isso torna-os depois extremamente vulneráveis a coisas como as fábricas chinesas que fazem tecnologias americanas.

Mencionou no livro que a estabilidade na China, durante séculos, sempre dependeu de haver comida disponível, e que uma catástrofe natural que afetasse a produção de alimentos podia provocar uma mudança de dinastia. Acha que o futuro do regime comunista na China também depende desse tipo de equilíbrio? A China está a comprar terra em África, compra empresas de fosfatos, também empresas de carne enlatada. É possível dizer que o futuro do regime comunista, apesar da nova riqueza do país, pode depender desse equilíbrio precário entre uma população imensa e pouca capacidade de produção alimentar?

A China não é independente em termos de comida, e não é independente em termos de energia. Está a chegar lá nesse último campo. A China instalou mais energia renovável nos primeiros seis meses do ano passado do que os Estados Unidos em toda sua história. Cada unidade residencial na China pode ser apoiada para usar energia renovável. E isto não é apenas porque a China quer ser limpa e verde, ela não quer é ser dependente de comprar petróleo de outros lugares do mundo. Quanto à comida, sim a China está muito preocupada. Quando se tem 20% da população do mundo, mas apenas 7% da terra arável, então é preciso investir no futuro, prevenir crises. Tentam encontrar lugares onde podem comprar ao invés de conquistar, o que não é necessariamente uma ideia estúpida. O que é realmente interessante é que há muita investigação por historiadores na China sobre as mudanças de regime e as mudanças climáticas.

Hoje?

Sim. Das sete grandes mudanças de regime imperial na China, todas ocorreram num contexto de mudança climática. Todas tiveram a ver com altos níveis de chuva, ou altos níveis de seca. Puseram pressão na produção de comida, colocaram pressão na ecologia, trouxeram doenças. E não é coincidência que um grande número de historiadores chineses estejam a olhar para isso hoje, porque acho que o Partido Comunista está a pensar mais à frente. O que o aquecimento do mundo significa para a estabilidade do regime na China? Quais são os ensinamentos que se podem tirar do passado? Boas perguntas. Como serão respondidas? Suspeito que será feito de uma forma diferente na China do que será feito noutras partes do mundo. Mas há uma sensibilidade real em pensar sobre vulnerabilidades e sobre choques súbitos.

Xi Jinping está a estudar a história para saber como resolver eventuais desafios climáticos?

Sei que está a estudar a história porque o meu livro sobre as rotas da seda teve uma visibilidade enorme graças ao presidente Xi, pensando sobre como aprendermos com os nossos vizinhos. Hoje há muitas questões existenciais, tecnologias novas, Inteligência Artificial, doenças, etc. Mas o clima e o mundo natural parece-me que nunca foram mais importantes do que agora.

"Quanto à comida, sim a China está muito preocupada. Quando se tem 20% da população do mundo, mas apenas 7% da terra arável, então é preciso investir no futuro, prevenir crises."

PROVA DE VIDA*

FRANCISCO RODRIGUES DOS SANTOS

Francisco Rodrigues dos Santos, o jovem político que o país conheceu como "Chicão", ficará para a História, que é madrasta, como o rapaz-coveiro do CDS-PP, um partido português de centro-direita criado logo a seguir à revolução de Abril, em 19 de Julho de 1974, e que, nas legislativas de 30 de Janeiro de 2022, obteve o seu pior resultado de sempre, pelo que acabou escovado do Parlamento e, em conformidade, passou a integrar a 2.ª liga da política nacional, ao lado de formações catitas como o PCTP/MRPP, o R.I.R., o Ergue-te ou o MAS – Movimento Alternativa Socialista.

Agora, e à boleia da nova AD, Nuno Melo conseguiu fazê-lo renascer das cinzas e o CDS não só regressou à Assembleia como garantiu até lugares no governo desta nação. Porém, e imagine-se, "Chicão" parece não ter gostado e, em entrevista à CNN, veio lamentar a "subalternização" do partido no seio da AD, criticando a "quase fusão" entre o CDS e o PSD. De caminho, lançou farpas à Iniciativa Liberal ("O Rui é rocha, mas as convicções são de palha"), fustigou o Chega por "vender utopias às pessoas", apelou ao diálogo com todas forças do "arco democrático", onde incluiu o partido de Ventura, mas não o Livre ou o PAN, e, enfim, terminou com um inesperado elogio a Pedro Nuno Santos, com quem disse que a AD tem *mesmo* de falar. Para justificar o diálogo com os socialistas, afirmou que as soluções políticas se constroem "ao centro" e descreveu o actual quadro político com recurso a uma metáfora de pastelaria, dizendo que o mesmo se afigura hoje como um *donut*, com "as franjas preenchidas, mas um grande buraco ao centro." Além do *donut* (e de uma fábula sobre uma formiga e um elefante), achou poucochinho o triunfo da AD, "uma vitória com sabor a empate", uma "vitoriazinha", e, de caminho, ou carrinho, deu uma alfinetada em Portas e em Cristas (a campanha, quanto a ele, "não correu bem à AD" e não passou de "um desfile de protagonistas do passado que foram sinalizados em voto dos portugueses dizendo não queremos mais do mesmo", o que talvez se aplique também a ele próprio). De permeio, menorizou os dois deputados que o CDS elegeu, afirmando que o líder prometera bem mais, quatro a seis parlamentares. De facto, dois parlamentares poderá ser pouco, mas sempre diremos que, assim como assim, sempre é melhor do que zero, o score averbado pela sua liderança nos idos de Janeiro de 22.



VÍTOR HIGGS/DN

***

Num passado remoto, velho de cinco décadas, o CDS teve como fundadores Diogo Freitas do Amaral, Adelino Amaro da Costa, Basílio Horta, Victor Sá Machado, Valentim Xavier Pintado, João Morais Leitão ou João Porto, entre outros, e bastaria a enumeração desse elenco, e o seu confronto com a realidade dos nossos dias, para, sem favor nem esforço, darmos razão a Michel Houellebecq quando este aludiu um dia à "irreversibilidade absoluta de todo o processo de degradação" (*l'irreversibilité absolue de tout processus de dégradation*). De facto, entre Freitas/Amaro da Costa, de um lado, e Francisco "Chicão", do outro, vai um plano inclinado rumo ao abismo, revelador de um dos maiores dramas da actual política portuguesa: a mudança ditada pelo desaparecimento da geração dos "políticos de Abril" e a sua substituição por líderes formados e recrutados exclusivamente nas "jotinhas", com escassa ou nenhuma experiência profissional e de vida para além do estreito mundo da politiquice e do pantanoso reino das juventudes partidárias.

O que mais impressiona e confrange no declínio do CDS-PP, que as passadas eleições mal disfarçaram, não foi, contudo, o ter sofrido um desaire eleitoral estrondoso em 2022, fenómeno conjuntural e passageiro, passível de resolução, mas antes, e isso sim, o facto de esse fracasso ser sintoma de algo bem mais vasto e profundo e, como tal, do domínio do irreversível ou, se preferirmos, do irrevogável. Com efeito, o desenho do nosso regime de financiamento dos partidos e das campanhas eleitorais, muito favorecedor para quem alcança lugares em São Bento, mas particularmente causticante para os que ficam de fora, a que acresce o desinteresse dos *media* e da opinião pública pelos "pequenos" e, no caso do CDS, o supremo opróbrio de ter descido para a divisão segunda, após décadas na liga cimeira e até de presença em governos vários, tudo isso dificulta sobremaneira a vida de qualquer liderança que se proponha devolver o partido à sua casa de morada de família, de onde foi sumariamente evacuado. Pior ainda: por atavismo ou timbre de povo invejoso, os portugueses são, de seu natural, impiedosos para com os perdedores e os falhados, sobretudo quando estes outrora foram poderosos, o que complica ainda mais a tarefa hercúlea, mas meritória, de fazer o CDS renascer das cinzas e da poeira.

A *débacle* de 2022, como é evidente, não pode ser assacada a um homem só, até porque, nesse fatal sufrágio, o CDS de Chicão teve de afrontar uma tenaz esmagadora, com o eleitorado conservador a fugir-lhe para o Chega e o mais liberal capturado pela IL, duas formações que, além de tudo o mais, traziam consigo o encanto do "novo" e o chamariz de não estarem comprometidas nem corrompidas pelo "sistema." No fundo, os populares viram-se confrontados, e entalados, pelo dilema conservadorismo versus liberalismo que desde sempre dilacera a direita, e que foi detectado, entre muitos outros, por Anthony Giddens em *Beyond Left and Right: The Future of Radical Politics*, 1994. Na verdade, como todo o ideário conservador radica no pessimismo, é-lhe muito difícil articular uma proposta política que não tenha na base o ressentimento (desde logo, ressentimento contra a modernidade), tarefa muito mais bem desempenhada por uma força *outsider* como o Chega do que por um partido que há décadas faz parte do regime e nele esteve integrado ao mais alto nível (o Chega, porém, que se cuide, pois com o passar dos anos, e num tempo cada vez mais volátil e sedento de novidades, irá perdendo o *glamour* de ser "jovem" e a força sedutora do "protesto"; convertido em partido do "sistema", ficarão mais expostas as óbvias fragilidades do seu grupo parlamentar numeroso, prenhe de nulidades, e outros tantos meliantes; se acaso não riscar num governo, muitos dos seus eleitores perceberão então, afinal, que votaram só num boneco, mas também e só para o boneco).

Restava ao CDS a alternativa do liberalismo, mas, como a IL bem intuiu, não é possível ser *laissez-faire* na economia e não o ser também em matéria de

costumes ou moral privada. É certo que o partido de Ventura ensaiou, e aparentemente com êxito, essa quadratura do círculo, proclamando-se conservador nos costumes e defensor do mercado livre. Simplesmente, do Chega não se pede nem espera consistência nos planos doutrinal e programático, desde logo porque uma parcela significativa do seu eleitorado não se apercebe – ou se percebe, não se importa – das muitas incoerências de uma força nada e criada nos tempos do pós-vergonha. Eis outra desvantagem dos herdeiros de Freitas e Amaro da Costa.

Sendo, pois, complexa e árdua a missão de Chicão, este fez questão de a dificultar mais ainda e, ao longo de meses de tumulto e fúria, a sua liderança nem sequer conseguiu segurar os nomes mais conhecidos e mais qualificados do CDS-PP, os quais, a solo ou em grupo, foram abandonando em catadupa o partido, alegando divergências várias, das quais a mais grave foi uma insólita suspensão do 29.º congresso dos populares, decidida por um conselho nacional marcado de urgência e realizado virtualmente, por via remota. Esta sangria desatada acabou por comprometer o activo mais importante dos populares, o bem mais precioso que estes tinham para oferecer ao seu eleitorado real e potencial, ou seja, os seus "quadros", rostos conhecidos dos portugueses, muitos dos quais respeitados e prestigiados pela sua presença mediática ou pelas suas anteriores *performances* nos planos governativo ou parlamentar (sobre o tema, Francisco, sempre metafórico, afirmou com desdém, mas tendo alguma razão, que um partido não podem ser só quadros para embelezar as paredes).

A debandada teve outro efeito colateral e indirecto: sem eles, sem os "quadros", a posição do líder ficou desguarnecida, tornou-se mais solitária, quiçá mais autista, e em resultado disso mais exposta nas suas muitas debilidades. Convertido o partido em samba de uma nota só, Francisco começou a surgir aos olhos de milhões de portugueses como um daqueles meninos que, por serem os donos da bola, querem marcar os penáltis todos, e que no final acabam sozinhos no campo, com o esférico debaixo do braço – e uma lágrima a escorrer cara abaixo. Será esse, de resto, o maior e o mais grave pecado da sua efémera liderança: não ter preparado o partido para o desastre que se adivinhava e, sobretudo, para o *day after* das eleições, deixando o CDS/PP sem figuras ou pessoal político capaz de garantir a sua continuidade e, com sorte, o seu regresso aos palcos da grande política.

Manda a verdade que se diga que, na história do regime democrático português, todos os partidos do "arco da governação" conheceram rixas de morte e atravessaram graves convulsões internas. O CDS-PP, porém, abusou um bocadinho desta tendência autofágica, havendo até registo de cenas de pancadaria e acusações de agressões entre barões, traço que se adensou nos últimos tempos da existência do partido, quando já era notório o risco da sua extinção a prazo, coisa que a todos era evidente, salvo para os dirigentes populares, que continuaram a digladiar-se alegremente enquanto o navio afundava. Ora, nos partidos grandes as lutas internas parecem ter mais sentido, pois está em causa alcançar o poder e o mando, ser governo do país, e as querelas entre facções são como que esbatidas pela dimensão da máquina, pela vastidão dos lugares; nas forças políticas mais pequenas, como é o caso do CDS, as rivalidades intestinas rapidamente adquirem contornos caricaturais e anedóticos, muito pessoalizados, pois não se vislumbra o alcance e o propósito de tantas guerrilhas patéticas – e patetas –, as quais, vistas de fora, mais parecem uma monumental garotada ou zaragatas de formigas numa caixa de fósforos, travadas a troco de nada, de poder nenhum. A dado trecho, a vida do CDS-PP mais fazia lembrar os saudosos tempos da trolha no MRPP, dos insultos de antologia entre Garcia Pereira e Arnaldo Matos, esquecendo-se os populares que, aos olhos do eleitorado, o primeiro ónus que recai sobre um partido pequeno é o da credibilidade na frente interna, pois é grande, muito grande, o risco de os votantes não o levarem a sério, tomando-o por uma associação de estudantes ou uma reunião de condóminos desavindos.

A trajectória descendente do CDS-PP, importa dizê-lo, não começou com Chicão, ainda que tenha acabado com ele. Já nas legislativas de 2019, a sua antecessora, Assunção Cristas, obtivera um dos piores *scores* da história do partido, com 4,25% e cinco deputados apenas, ainda assim mais um do que os quatro parlamentares "do táxi", nos tempos de Adriano e das maiorias de Cavaco. Depois, em 1995, com Manuel Monteiro, o partido averbou um resultado histórico, conseguindo eleger 15 deputados, que bisou em 1999, e que alargou em 2009, onde chegou a 21 deputados, aumentados para 24 parlamentares em 2011. É este pretérito de altos e baixos, de surpreendentes quedas e de outros tantos regressos, que permite alimentar esperanças de uma recuperação, a qual, não sendo impossível, afigura-se bastante improvável, ao menos na actual conjuntura, mesmo com triunfo modesto no passado 10 de Março.



A trajectória descendente do CDS-PP, importa dizê-lo, não começou com Chicão, ainda que tenha acabado com ele. Já nas legislativas de 2019, a sua antecessora, Assunção Cristas, obtivera um dos piores scores da história do partido, com 4,25% e cinco deputados apenas [...]".

Nunca se saberá ao certo se o que aconteceu a Chicão, eleito no Congresso de Aveiro, em Janeiro de 2020, ocorreria com qualquer outro líder no seu lugar, já que às suas falhas conjunturais, e aos seus erros de estratégia e táctica, se associaram problemas mais vastos, ou mais fundos, podendo dizer-se que, em boa medida, a erosão de uma força democrata-cristã como CDS-PP decorre de movimentos e de tendências que em muito ultrapassam as respectivas lideranças, sobretudo quando estas se arvoram em protagonistas de "princípios" e de "valores" que, bem ou mal, dizem cada vez menos a parcelas muito significativas do eleitorado, em especial o mais jovem. O declínio do CDS-PP, na sua feição de partido defensor da família tradicional e dos valores cristãos, é um dos indícios mais expressivos da secularização da sociedade portuguesa, da erosão do "voto católico" e do peso da influência político-social da Igreja (e das Forças Armadas), da sexualização crescente da esfera pública, do predomínio de um hedonismo autocentrado e presentista, exponenciado no pós-Covid e patente no sucesso das rubricas de *lifestyle* ou dos gurus de autoajuda, e também, noutro plano, da desertificação do interior do país e da derrocada do "mundo rural" (ou "da lavoura", como gostava de dizer um dos seus dirigentes).

Ao concentrarem a sua agenda nas questões ditas "fracturantes" – o casamento gay, a adopção por homossexuais, a "ideologia de género", o aborto e a eutanásia, a educação sexual nas escolas –, Francisco Rodrigues dos Santos e os seus colegas de direcção podem ter dado vazão às suas mundividências próprias, às preocupações existenciais do grupo a que pertencem – jovens quadros burgueses já instalados na vida, com lugares nas empresas e nas sociedades de advogados de Lisboa e Porto –, mas mostraram não estar em sintonia com a realidade de um eleitorado para quem, sobretudo entre os mais jovens, as angústias maiores não são essas, filosóficas ou "de princípios", antes questões bem concretas, do domínio material e terreno, como a falta de saídas profissionais condignas para as qualificações que possuem, os salários baixos para as aspirações que têm, a falta de habitação, a emergência climática. Problemas, no fundo, de desesperança no futuro, muito intensos nas periferias das grandes cidades ou nas terras de província, problemas a que o CDS de Chicão não soube ou não quis dar resposta, ou sequer vaga promessa. Em campanha, Francisco chegou a falar de toiradas, defendendo-as ("uma arte performativa com raízes culturais"), sem ter, do mesmo passo – ou, pelo menos, sem as ter expressado de modo audível para o eleitorado –, propostas sobre o emprego, a habitação, o ensino, os transportes, o ambiente. Na recta final da campanha, a uma semana do acto eleitoral de 30 de Janeiro de 2022, propôs-se para ministro da Defesa – e Rui Rio mostrou-se disposto a isso –, centrando-se, uma vez mais, em questões de elevado simbolismo, mas destituídas de relevância para o futuro militar do país, como a situação dos nossos antigos combatentes e a trasladação para Portugal de corpos de soldados mortos na guerra de África. No fundo, e talvez sem se aperceber desse facto, o discurso do CDS-PP orientou-se ora para um mundo de ontem, hoje em franco recesso, ora para questões de elevada carga ideológica, ou simbolismo, simétricas das da cultura *woke*, umas e outras mediaticamente fulgurantes, é certo, mas alheias aos verdadeiros anseios de quem escolhe e vota.

Muitos criticaram-lhe a juventude, o verdor dos anos, quando o seu problema era outro a inexperiência ou, pior ainda, a imaturidade: Freitas do Amaral tinha pouco mais de 30 anos quando fundou a CDS, a mesmíssima idade de Chicão quando foi eleito líder (e, de resto, Manuel Monteiro chegou a líder ainda mais novo, com 29 primaveras). Simplesmente, Freitas tinha um longo currículo atrás de si, era professor de Direito, fora membro da Câmara Corporativa, convidado por Marcello para ministro da Justiça, ao passo que Rodrigues dos Santos ocupara cargos diversos – dirigente associativo na Faculdade de Direito, adjunto de ministro, líder da Juventude Popular, membro da assembleia municipal de Carnide, deputado municipal de Lisboa –, nenhum dos quais de relevo. A *Forbes*, é certo, qualificara-o em 2015 como "um dos 30 jovens mais brilhantes e influentes da Europa" (ao lado do bailarino Marcelino Sambé e das empreendedoras de vestuário de luxo Filipa Neto e Lara Vidreiro), mas essas coisas valem o que valem, ou seja, menos que zero. Para mais, e o ponto não é de so-

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

menos, enquanto aos 30 anos Freitas parecia ter uns 60, enquanto Manuel Monteiro se esforçava por parecer mais velho, no verbo e na pose (dedo em riste, *blazers* assertoados, gravatas às riscas, enormes óculos de massa), Chicão não conseguia iludir o ar de eterno miúdo, de olhar muito aberto, extasiado ante o mundo e as coisas nele existentes, o que, sendo um dos seus maiores encantos, sem dúvida, não se coadunava com o perfil de um candidato a primeiro-ministro. Nas entrevistas, dizia gostar de tofu, ter por *hobbies* o cinema e a leitura (história, política, biografias) e gostos musicais eclécticos – Coldplay, Beatles, Queen, Pearl Jam, Rui Veloso, Samuel Úria, B Fachada e até Zeca Afonso – enquanto apresentava o seu programa, bárbaro e muito oco: "o CDS deve ser uma direita que não tem problemas em ser disruptiva, uma direita que não tem medo de ser inconveniente, de atentar às vezes contra o *establishment*, contra algumas elitezinhas *gourmet*, socialista, bem-pensante. É um partido que vem para agitar as consciências, mas ao mesmo tempo é um partido que é moderado."

Apesar de breve e meteórica, a sua passagem pela política não foi isenta de certas polémicas. Assim, nas vésperas do congresso de Lamego, em 2018, os militantes da Juventude Popular receberam uma mensagem dizendo-lhes para se "diferenciarem dos restantes congressistas", não levando fato e gravata, e, depois, no decurso dos trabalhos, dezenas deles subiram ao palco durante a noite e a madrugada, arrastando os debates até às cinco da madrugada, apenas com a exigência de que Chicão fosse integrado nas listas de candidatos a deputados, manobra cuja autoria o próprio não assumiu. Mais tarde, partilhou nas redes uma fotografia sua ao lado da noiva, com a legenda "Estabilidade Emocional", numa indirecta ao Crédito Agrícola, que pagava à mulher do seu presidente uma avença para garantir a "estabilidade emocional" do marido. Lembraram-lhe na ocasião que a sua namorada também tinha sido avençada do CDS na câmara municipal de Lisboa, tendo ele dito que não tivera influência na escolha da contratada. Mais tarde, antes de um congresso, deu uma entrevista à Rádio Observador, na qual exigiu, muito Calimero, que largassem de vez o nome Chicão: "todos os políticos em Portugal são tratados pelo nome, menos eu. Por isso, chamem-me Francisco." Por fim, em Dezembro de 2020, aquando do confinamento provocado pela epidemia da Covid-19, decidiu ir visitar os empresários da restauração que estavam em greve de fome às portas da Assembleia, tendo um deles, Ljubomir Stanisic, dito para Chicão se ir embora dali, em cena constrangedora (depois, Ljubomir pediria desculpas, mas o mal estava feito).

De barretina na lapela, grosso cordão de prata e crucifixo ao pescoço, doente pelo Sporting, Francisco Rodrigues dos Santos representou, a seu modo, o estertor do betismo na política portuguesa. Outrora, não há muito tempo, essas características sociais, ou estético-sociais, digamos assim, tinham deveras importância para muito eleitorado de direita, ou centro-direita, tendo o seu auge nos sobretudos *loden* da campanha de Freitas, mas marcando também o *dress code* de todos os dirigentes centristas. Agora, no Parlamento, por banda da Iniciativa Liberal, vemos deputados desgravatados e em calças de ganga, pouco distinguíveis dos da esquerda extrema, e os parlamentares do Chega aperreados em fatos brilhantes que mal disfarçam as suas origens *lumpen*, a prova provada de que, do ponto de vista da composição sociológica, a direita mudou e muito nos últimos anos. Por um lado, devido a uma natural e saudável remodelação das classes e das elites, mas também, por outro lado, devido a uma transformação mais imperceptível, mas não menos decisiva, na esfera do "social", agora rarefeito de titulares da nobreza ou empresários de vulto, e antes povoado de apresentadores da TV, jogadores da bola ou estrelas do Big Brother, num movimento democratizador, é certo, mas que transporta a arrasadora lei da vulgaridade e do *kitsch* até aos lugares de onde ela deveria estar militantemente ausente. São pormenores como este, só aparentemente menores, que mostram como, no Portugal deste século, até o conservadorismo mudou, um singular paradoxo carregado de significado político. Por isso, até por isso, tinham de ser outros, muito outros, o discurso e o registo de um líder conservador de direita, o qual, ao apostar em excesso no ataque à "esquerda gourmet", acabou condicionado por ela.



[...] quanto a um eventual regresso à política, afirmou, sebastiânico, "não fecho essa porta, mas também não a abro." Encontra-se, pois, a espreitar pelo buraco da fechadura, tal qual as crianças quando olham para o quarto dos crescidos".

***

Francisco José Nina Martins Rodrigues dos Santos nasceu em Coimbra aos 29 de Setembro de 1988, sendo portanto Balança ou Dragão, consoante o zodíaco que perfilhemos. O mais velho de três rapazes, filhos de um oficial do Exército e de uma advogada, viveu em Coimbra até aos cinco anos, altura em que, por conta do ofício do pai, a família se mudou para Vila Nova da Barquinha. Depois, aos nove anos, foi para o Colégio Militar, onde fez o secundário e aprendeu, diz, "valores que tenho no meu código de honra para a vida". Aí foi distinguido com o Prémio General Jaime Banazol, em Outubro de 2006, e escolhido pelos seus colegas – ou, melhor dito, camaradas – para adjunto do comandante da 1.ª companhia. Ganhou também nessa época a alcunha de "rato", transmitida aos seus irmãos (João, hoje controlador de tráfego aéreo, e Nuno, dentista). O *petit nom* "Chicão", que não aprecia, só surgiu anos mais tarde, já nos tempos da Faculdade, devido às suas capacidades de liderança e à popularidade entre os seus pares, não sendo verdade, ao contrário do que dizem as más-línguas, que o epíteto se deva às posições conservadoras com que irrompeu no partido, quando se ergueu a favor da criminalização do aborto, posição que depois abandonou, ou quando recusou que as uniões de homossexuais pudessem ser chamadas de "casamento", já que este, disse, "tem uma origem canónica".

Depois do Colégio Militar, seguiu em 2007 para a Faculdade de Direito de Lisboa, onde se formou em 2011, não sem antes ter sido presidente da Mesa da RGA da Associação Académica e, por inerência, da Comissão Eleitoral e do Conselho Consultivo de Representantes daquela Faculdade e membro do Senado da Universidade de Lisboa. A seguir ao curso, fez o estágio na ABBC Advogados, entre 2011 e 2014, data em que começou a trabalhar na sociedade de advogados Valadas Coriel & Associados, onde esteve até 2020.

Antes de enveredar pela política, Francisco leu as cartas de princípios do CDS, do PSD (partido pelo qual o avô materno chegou a vice-presidente da câmara de Oliveira do Hospital e a presidente da junta de freguesia de Nogueira do Cravo) e até a do PS, mas esta "só por curiosidade". Convidaram-no amiúde para se inscrever na JSD, chegaram a entregar-lhe para as mãos a ficha de militante, mas declinou, optando pela Juventude Popular, na qual se filiou em 2007. Depois, em 2011, matriculou-se no CDS-PP.

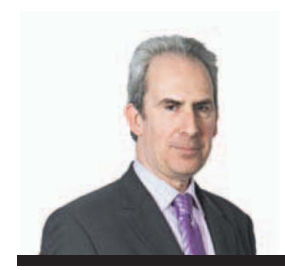
Dois anos depois, foi eleito membro da assembleia de freguesia de Carnide, cargo que ocupou até 2017. Entretanto, em Dezembro de 2015 fora eleito presidente da Juventude Popular, funções que desempenhou até Janeiro de 2020 e que lhe valeram ter sido, entre 2016 e 2019, membro e vice-presidente da International Young Democrat Union (IYDU), entidade que hoje congrega 78 organizações nacionais de jovens de centro-direita de todo o mundo, "unidos por um desejo comum de mais liberdade e menos governo."

Entre Outubro e Dezembro de 2015 – escassos três meses, portanto –, foi adjunto do ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, Pedro Mota Soares. Noutro plano, e apesar de defender "ao futebol o que é do futebol, à política o que está reservado à política", foi membro do conselho directivo do Sporting Clube de Portugal entre 2018 e 2020, nas listas de Frederico Varandas. Nas autárquicas de 2021, foi candidato à presidência da assembleia municipal de Oliveira do Hospital, fazendo-o, disse, em nome de três amores – amor à terra, amor à família e amor ao projecto – um argumento Marco Paulo que não convenceu os povos oliveirenses, que deram uma retumbante vitória ao PS, com 54,84% dos votos.

Em 2020, foi eleito 10.º presidente do CDS-Partido Popular, do qual se demitiria dois anos depois, no rescaldo da catástrofe. Hoje trabalha como advogado num escritório de Lisboa, frequenta um curso de Psicologia e está voluntariamente afastado da política, e vice-versa. Casado com Inês Guerra Vargas, nutricionista, que conheceu nas fileiras da Juventude Popular, foi pai de um rapaz, José Pedro, por sinal nascido em 2022, o ano em que, por conseguinte, teve o maior fracasso da sua vida pública e o maior triunfo na vida privada. Talvez isso lhe mostre, esperemos, que é nesta última que será mais realizado, até porque tem todas as condições pessoais e familiares para sê-lo e, sobretudo, acima de tudo, porque o merece. Há dias, na televisão, disse "continuo a interessar-me pelo meu país, sou um patriota", coisa de que não duvidamos. Já quanto a um eventual regresso à política, afirmou, sebastiânico, "não fecho essa porta, mas também não a abro." Encontra-se, pois, a espreitar pelo buraco da fechadura, tal qual as crianças quando olham para o quarto dos crescidos. Esperemos que assim se mantenha, para seu e nosso bem, e que de caminho comente, como também tem feito amiúde, ou miúdo, as exibições dos leões, matéria em que é versado, e pelos vistos feliz.

**Prova de vida (58) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Entre as imagens
João Lopes

A igreja flutuante

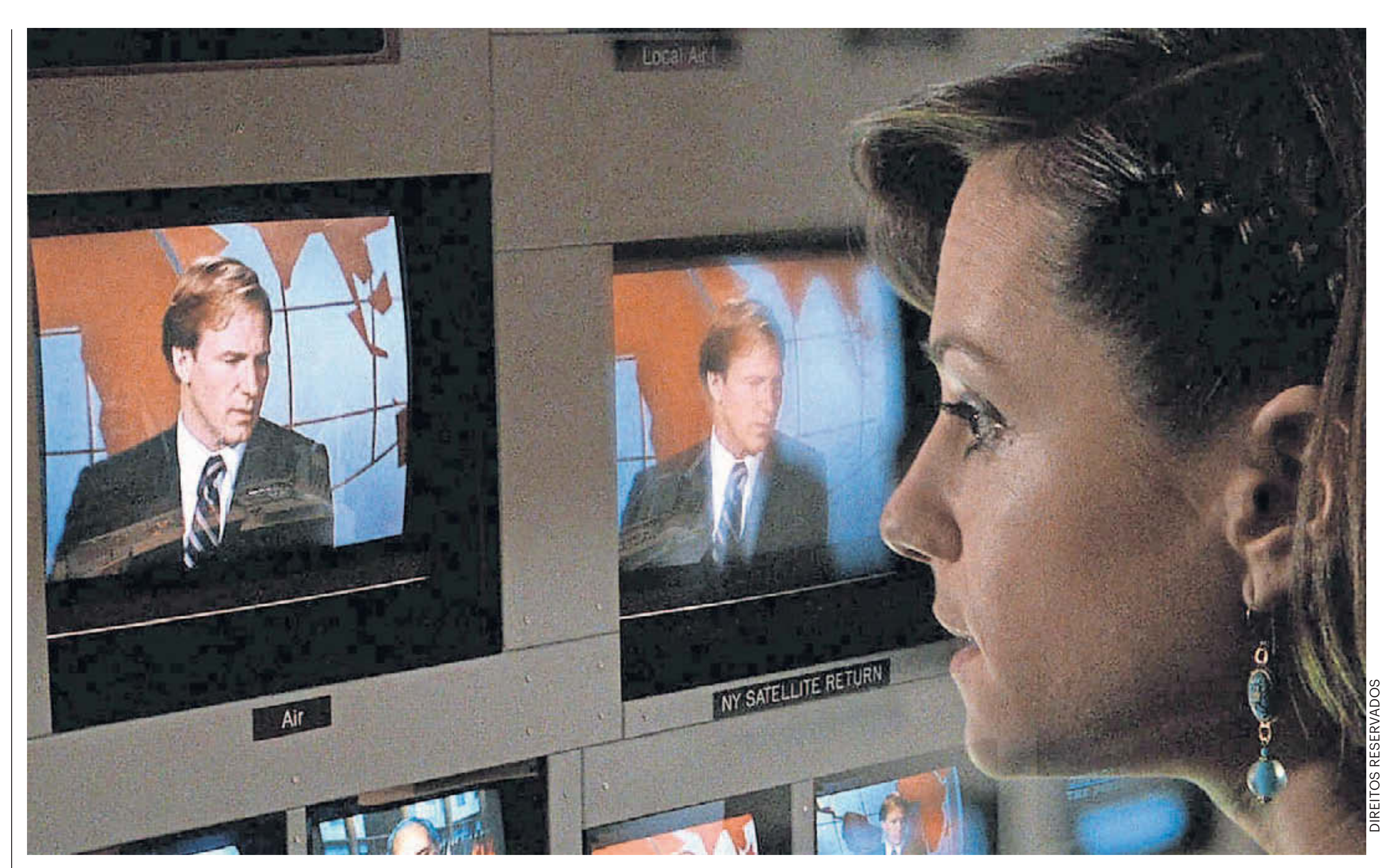
Revisito as memórias de um dos filmes mais brilhantes que já se fizeram sobre televisão: *Broadcast News*, uma produção de 1987 com argumento e realização de James L. Brooks (entre nós estreado como *Edição Especial*). Aliás, corrijo a generalização: o espaço televisivo apresenta-se de tal modo fragmentado, habitado por inconciliáveis maravilhas e horrores, que não faz sentido tratar a televisão como "um" tema — é preciso descortinar e, de algum modo, confrontar as muitas diferenças que o habitam.

Lembrei-me de *Broadcast News* porque nele ecoa uma questão que, por vias bem diferentes, assombra muitos dos atuais protagonistas do pequeno ecrã, dos jornalistas mais sérios aos concorrentes do Big Brother. A saber: o que é a verdade? E como dizê-la? Ou mostrá-la?

A certa altura, no filme, uma produtora de um canal de informação (Holly Hunter) interroga-se sobre a entrevista feita pelo jornalista-vedeta da sua estação (William Hurt) a uma mulher que foi vítima de violação. Observando a totalidade do material registado para a entrevista, percebe que o grande plano do rosto do jornalista a chorar perante o testemunho da mulher não pertence à entrevista — foi forjado *a posteriori*.

A moral da história projeta-nos num terreno incómodo: a dicotomia verdade/mentira não esgota tudo o que está em jogo. Não se trata apenas de discutir as virtudes de reprodução (ou os artifícios de encenação) que marcam o dia a dia do pequeno ecrã: o sistema de linguagens de que se faz a televisão, ainda que vendido como "reprodução" do mundo, pode funcionar, de facto, como imposição de uma determinada conceção desse mesmo mundo.

Apesar da sua fina sensibilidade crítica, o filme de James L. Brooks está ainda ligado a uma visão liberal inerente à história clássica de Hollywood, anterior à vertigem de ecrãs em que hoje vivemos.



Holly Hunter e William Hurt em *Broadcast News* (1987): onde está a verdade?

Afinal de contas, movendo-se com arrogante à vontade no interior dessa vertigem, Donald Trump dinamitou a questão da produção da verdade, todos os dias celebrando as apoteoses das mais risonhas ficções — agora, alguns jornais dos EUA (aconteceu há dias no *New York Times*) relatam mesmo cada comício de Trump contrapondo uma lista didática das mentiras por ele propagadas.

Como é que Kamala Harris aparece nesta cenografia de infinitos fragmentos narrativos e, mais do que isso, de incessantes "mensagens" para serem vistas nos ecrãs que povoam o nosso mundo? Eis a difícil conjuntura: deixámos de ter ecrãs que "reproduzam" esse mundo, passámos a viver (nem sempre muito felizes, é verdade) num mundo feito de ecrãs.

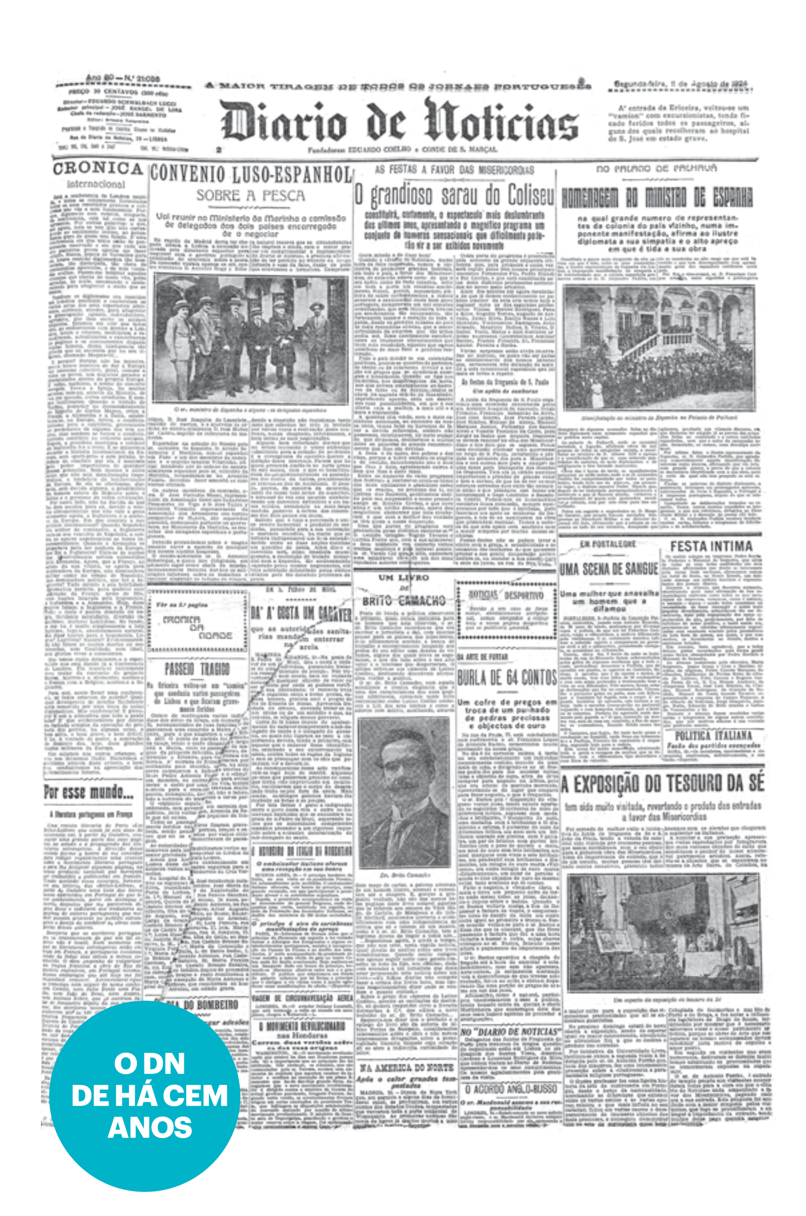
As pessoas e entidades que apoiam Kamala Harris compreenderam que Trump há muito investira no fogo fátuo desse mundo de imagens, sendo necessário (politicamente necessário, entenda-se) arriscar no interior das suas coordenadas, sinalizando algumas fundamentais diferenças. Resta saber de que modo, ou até que ponto, o que está a acontecer irá contribuir para a reposição da nobreza do debate político ou, apesar de todas as boas vontades democráticas, poderá reforçar a nossa condição de reféns dos delírios imateriais dos ecrãs que nos consomem.

Quase quatro décadas depois de *Broadcast News*, Philippe Sollers dava conta da perversa evolução de todo esse aparato informativo no romance *La Deuxième Vie* (edição póstuma: Gallimard, março 2024). Sou eu que traduzo: "No oceano dos computadores, a televisão brilha como uma igreja flutuante. Cada vez mais planetária, ela tece a rede de um governo mundial. A estupidez vive sobre informada através da sua ignorância. Vagas de filósofos autoproclamados lucram com isso e peroram, a horas fixas, sobre todos os assuntos."

> **"Que acontece quando a luta política é uma questão de ecrãs? Afinal de contas, é nesse mundo que estamos a viver."**

Não é, por isso, ficção científica reconhecer que toda a dinâmica comunicacional das próximas eleições americanas ecoará de forma muito concreta nas práticas audiovisuais e políticas de ambos os lados do Atlântico. Que vão fazer os sacerdotes da informação e os atores da cena política que, mesmo sem nada para dizer, vivem de "aparecer" nos ecrãs? Serão capazes de desistir da preguiça da rotina, escolhendo os sobressaltos da inteligência?

Jornalista



Diario de Noticias

CONVENIO LUSO-ESPANHOL SOBRE A PESCA

O grandioso sarau do Coliseu

HOMENAGEM AO MINISTRO DE ESPANHA

A EXPOSIÇÃO DO TESOURO DA SÉ

BURLA DE 64 CONTOS

BRITO CAMACHO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 11 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

CONVENIO LUSO-ESPANHOL

SOBRE A PESCA

Vai reunir no Ministerio da Marinha a comissão de delegados dos países encarregada de o negociar

No rapido de Madrid devia ter chegado ontem a Lisboa a comissão nomeada pelo directorio espanhol para negociar com o govêrno português a conclusão do convenio sobre a pesca. Da comissão vieram apenas os srs. contra almirante D. Antonio Rogy y Echenique, D. José Joaquim de Lassaleta, capitão de navios, e o ajudante ás ordens do contra-almirante D. José Muñez de Castro, capitão de infantaria de marinha.

O sr. ministro de Espanha e alguns dos delegados espanhois

Esperados na estação do Rossio pelo sr. ministro de Espanha, D. Alvaro Seminario y Martinez, consul espanhol em Faro e um dos membros da comissão e o capitão-tenente Vilarinho, oficial mandado pôr ás ordens do contra-almirante espanhol pelo sr, ministro da Marinha, hospedaram-se no Avenida Palace, devendo fazer amanhã as suas visitas oficiais.

Os outros membros da comissão, os srs. D José Parreras Masso, representante da Associação Geral das Industrias Pesqueiras de Vigo e D. José Tejiro y Gonzalez Viscaiño. representante da Associação dos Armadores dos barcos pesqueiros de Huelva, são esperados amanhã, começando portanto na quarta-feira, no Ministerio da Marinha, as reuniões dos delegados espanhois e portugueses.

Debalde pretendemos sobre o magno assunto ouvir a opinião de qualquer dos nossos ilustres hospedes.

O contra-almirante sr. D. Antonio Echenique, a quem nos dirigimos, em primeiro lugar como chefe da missão, delicadamente recusou dar-nos os solicitados informes sobre os trabalhos a realizar, alegando as fadigas da viagem, a natural reserva que as circunstancias lhe impõem e ainda, com o maior prazer em cumprimentar o representante do *Diario de Noticias*, a graciosa afirmação de ter perdido no trajecto da longa jornada o «uso da fala», razão de peso que convenceu o jornalista. Compreendendo a discrição não insistimos. tanto mais que sabemos ter sido já tentada por varias vezes a realização deste convenio, nunca chegando, infelizmente, a bom termo as suas negociações.

Alguem bem informado diz-nos que no actual momento o unico embaraço subsistente para a solução do problema é a divergencia de opiniões quanto á duração desse convenio. Parece que ha quem pretenda limita-la ao curto prazo de seis meses, com o que só beneficiariam desproporcionalmente os pescadores das costas da Galiza, prejudicando os interesses dos de Andaluzia. O desejo, porém, da maioria da comissão, tanto do nosso lado como do espanhol, e arrumar de vez este assunto estabelecendo um convenio definitivo e em bases solidas, atendendo na mais larga medida possivel á defesa dos interesses dos dois paises em causa.

Sabido que é hoje a peninsula o unico centro comercial e produtor de sardinha, possuindo para a sua colocação o mercado mundial, ha muito que se tornava indispensavel um bom entendimento entre as duas nações visinhas em questões de pesca. Além disso o convenio terá, como imediata consequencia, a realização do tratado comercial com a Espanha, tão ansiosamente esperado pelos nossos negociantes, até hoje sobretudo dificultado pelos atritos criados pelo tão debatido problema da pesca.

NO PALACIO DE PALHAVÃ

HOMENAGEM AO MINISTRO DE ESPANHA

na qual grande numero de representantes da colonia do país vizinho, numa imponente manifestação, afirma ao ilustre diplomata a sua simpatia e o alto apreço em que é tida a sua obra

Constituiu a prova mais eloquente da alta estima em que é tido, entre os seus compatriotas, o ilustre representante da Espanha em Lisboa, a imponente manifestação de simpatia e de solidariedade que a colonia espanhola promoveu ontem ao sr. D. Alejandro Padilla, em



Manifestação ao ministro de Espanha no Palacio de Palhavã

desagravo de algumas acusações feitas ao distinto diplomata num semanario espanhol que se publica nesta capital.

Ao palacio de Palhavã, onde se encontra instalada a legação, afluiram cêrca de mil pessoas de todas as categorias sociais, a manifestar ao ministro de D. Afonso XIII o apreço e a consideração de que as suas notaveis qualidades de caracter, de tacto diplomatico e de inteligencia o têm tornado merecedor.

Cêrca das 5 horas da tarde, os manifestantes passaram ao salão nobre, onde o sr. D. Alejandro Padilla foi cumprimentado por todos os assistentes, tendo feito uso da palavra, em primeiro lugar, o distinto maestro Pedro Blanch que, depois de ter historiado pormenorizadamente o incidente a que já fizemos alusão, verberou o procedimento de quem nele pretendeu envolver a colonia, sem por esta estar para isso autorizado.

Falou em seguida o engenheiro sr. D. Ricardo Garnier, que propôs fossem enviados telegramas ao Directorio Militar e ao director do jornal «El Sol», afirmando que a colonia se encontra ao lado do seu ministro, desejando que ele se mantenha no alto cargo em que está investido e que tem desempenhado com aprazimento geral dos espanhois residentes neste país.

Por fim o vice-consul, sr. D. Francisco Campos Aravaca, entre repetidos e prolongados aplausos, produziu um vibrante discurso, em que declarou ter exigido já as provas das acusações feitas ao consulado e a outras entidades espanholas, sem que o autor da campanha tenha formulado, ao menos, uma desculpa aceitavel.

Por ultimo falou o ilustre representante da Espanha, sr. D. Alejandro Padilla, que agradeceu comovidamente aquela manifestação, tão calorosa como sincera, afirmando que via nela com grande prazer, a prova de que a colonia se encontrava identificada com a sua obra, para o exito da qual não tem poupado os seus esforços.

Findas as palavras do distinto diplomata, a assistencia irrompeu em prolongados aplausos, entremeados de vivas á Espanha, a Portugal e á imprensa portuguesa, depois do que se retiraram todos.

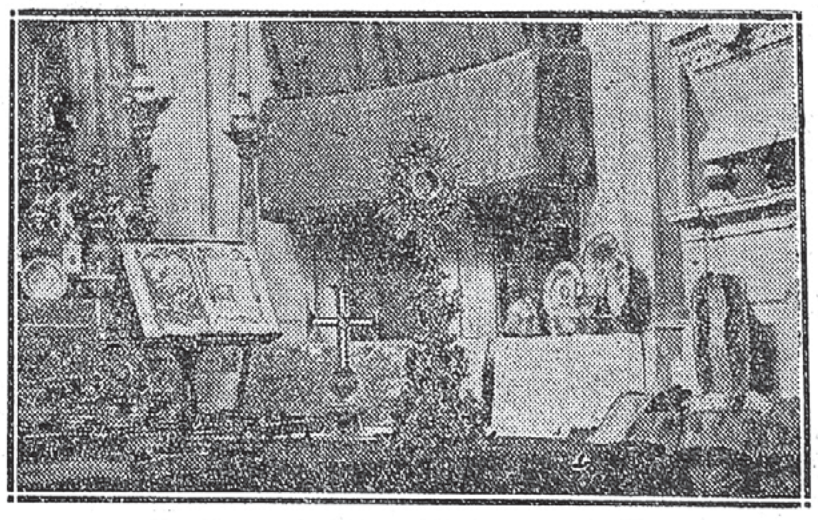
Cumprindo as deliberações tomadas na reunião, foram ontem mesmo expedidos os telegramas a que nos referimos, dirigidos ao Directorio Militar e á direcção do jornal «El Sol».

O sr. D. Alejandro Padilla recebeu tambem muitas cartas, bilhetes e telegramas de felicitações e de solidariedade.

A EXPOSIÇÃO DO TESOURO DA SÉ

tem sido muito visitada, revertendo o produto das entradas a favor das Misericordias

Foi coroada de melhor exito a iniciativa da Junta de freguesia da Sé e S. João da Praça, tendo a vetusta Sé catedral sido visitada por inumeras pessoas, que assim contribuem com o seu obulo para a generosa obra das Misericordias. Além da importancia da entrada, que é de um escudo, muitas pessoas têm deixado outros donativos, prevendo todos



Um aspecto da exposição do tesouro da Sé

o maior exito para a exposição das riquissimas preciosidades que ali se encontram guardadas.

No proximo domingo estará de novo aberta a exposição, sendo de esperar igual ou maior concorrencia, atendendo ao altruistico fim a que se destina o produto das entradas.

Por iniciativa da Universidade Livre, realizou-se ontem a segunda visita á Sé dirigida pelo sr. dr. Antonio Ferrão que, num dos claustros, fez uma interessante prelecção sobre a «Ourivesaria e paramentaria religiosa portuguesa».

O ilustre professor fez uma ligeira historia da arte de ourivesaria em Portugal, desde o berço da nacionalidade, acentuando as diferenças que existem entre os varios estilos e as varias epocas; relatou o que mais influiu no seu caracter; filiou em varias causas o desaparecimento de inumeros objectos dos mais preciosos, e conseguiu demonstrar que na arte de ourivesaria quasi hombreamos com os alemães que chegaram a suplantar os italianos.

A auxiliar a sua prelecção apresentou varias reproduções por fotogravura dos mais valiosos objectos de culto que constituem o penhor do nosso admiravel patrimonio artistico. Assim, referiu-se a objectos que se encontram no museu de Arte Sacra, de Coimbra, na Colegiada de Guimarães e nas Sés do Porto e de Braga, e fez notar a influencia benfeitora de Diogo de Sousa, terminando por mostrar que é necessario sabermos amar o nosso patrimonio artistico, porque as obras de Arte que nos legaram os nossos antepassados devem constituir justo motivo de orgulho e amor patrio.

Em seguida os visitantes que eram numerosos, detiveram-se durante muito tempo admirando as preciosidades que se encontravam expostas na capela-mór.

O sr. dr. Antonio Ferrão, á entrada do templo propôs aos visitantes concorrerem todos para a obra em que o «Diario de Noticias» anda empenhado a favor das Misericordias, pagando cada um a sua entrada. Esta proposta foi acolhida com a maior simpatia pelos visitantes, que logo se prontificaram a entregar a importancia da entrada, tendo muitos deles pago quantia superior á estabelecida.

Harris surge a vencer Trump em três estados importantes

EUA Sondagens publicadas pelo *The New York Times* colocam os democratas com vantagem de 50% para 46% no Michigan, Pensilvânia e Wisconsin.

Kamala Harris lidera agora Donald Trump em três estados cruciais para a corrida presidencial, de acordo com novas sondagens publicadas ontem, aparentemente minando a vantagem que o ex-presidente tinha naqueles locais no ano passado.

As sondagens realizadas para o jornal *The New York Times* pelo Siena College mostravam Harris a liderar Trump por uma margem idêntica de 50% a 46% no Michigan, Pensilvânia e Wisconsin.

No âmbito do sistema de votação do colégio eleitoral dos EUA, estes três populosos estados do Centro-Oeste são considerados fundamentais para a vitória de qualquer um dos partidos.

Estes números são uma inversão das sondagens realizadas nos estados que durante quase um ano mostraram Trump empatado ou ligeiramente à frente do presidente democrata Joe Biden, que desistiu da corrida no mês passado e apoiou Harris.

Muita coisa pode ainda mudar nos quase três meses que antecedem as eleições de 5 de novembro. Os mesmos estudos de opinião mostraram que os eleitores ainda preferem Trump nas principais questões da economia e da imigração, embora Harris tivesse uma vantagem de 24 pontos quando os eleitores foram questionados em quem confiam na questão do aborto.

Os democratas estão numa forte onda de popularidade desde que Biden, de 81 anos, se afastou da corrida, e o anúncio, na terça-feira, de que o governador do Minnesota, Tim Walz, é o candidato a vice-presidente também parece ter dinamizado a campanha.

Kamala Harris gozou de um aumento ainda maior da sua favorabilidade – uma subida de 10 pontos entre os eleitores registados na Pensilvânia em apenas um mês, revelou a sondagem do *Times*/Siena. Os eleitores disseram que a viam como mais inteligente do que Trump e com melhor temperamento para governar.

As sondagens foram realizadas entre os dias 5 e 9 de agosto, junto de pelo menos 600 eleitores em cada estado. **DN/AFP**

Britânicos nas ruas contra o racismo

Milhares de pessoas participaram ontem em manifestações contra o racismo em todo o Reino Unido, em resposta aos motins impulsionados pela extrema-direita que agitaram o país durante uma semana. A capital, Londres, não foi exceção, com os manifestantes a concentrarem-se especialmente frente à sede do partido Reform UK, de Nigel Farage (na foto), com cartazes e palavras de ordem contra o líder populista e da direita radical.



EPA/MARK THOMAS

BREVES

Governo garante trabalhar para escolas terem internet

O ministro da Educação, Ciência e Inovação afirmou ontem que o governo está a trabalhar para que todas as escolas tenham igualdade de oportunidades no acesso à internet para a utilização dos manuais digitais. “Há um projeto muito grande, que está atrasado, mas estamos a tomar medidas para que os prazos sejam cumpridos para garantir conectividade em todas as escolas. No último Conselho de Ministros foi aprovado um pacote alargado de mais de 30 milhões de euros para aquisições de dispositivos de dados e para a ligação à internet e que agora vai a concurso público internacional, para garantir aos alunos que têm manuais digitais ao seu acesso”, explicou Fernando Alexandre.
O governante falava aos jornalistas à margem da apresentação do projeto OliveCôa, que hoje foi apresentado no Museu do Côa, em Vila Nova de Foz Côa, no distrito da Guarda. A tutela pretende desta forma colmatar as deficiências existentes em matéria de dados para “navegação na internet” e ter acesso aos respetivos manuais digitais.

PCP: 70 dias de governo só desmantelaram mais o SNS

O secretário-geral do PCP criticou ontem o governo por considerar que nos primeiros 70 dias de funções não contrariou e até acentuou o desmantelamento do Serviço Nacional de Serviço (SNS), iniciado pelo anterior Executivo do PS. “Estes 70 dias deste governo não só não vieram contrariar esse caminho [de desmantelamento do SNS] como vieram acentuá-lo”, afirmou o líder comunista no final de um almoço com apoiantes no Pavilhão Multiusos de Fronteira, no distrito de Portalegre. Aludindo às declarações do primeiro-ministro, Luís Montenegro, após uma visita ao Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Raimundo disse que o atual chefe do governo tem razão quando se queixou da “pesada herança do Partido Socialista”. “A maioria absoluta do Partido Socialista abriu campo ao desmantelamento do SNS e empurrou para fora do Serviço Nacional de Saúde médicos, enfermeiros e técnicos que fazem cá muita falta”, sublinhou. Porém, para o dirigente comunista o problema é que o governo da AD não foi capaz de lhes “dar condições de trabalho e valorizar as suas carreiras”.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt